

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA**

HÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DIAS

**O ESPORTE COMO ELEMENTO EDUCACIONAL SOBRE A ÓTICA
DA CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA**

CRICIÚMA

2012

HÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DIAS

**O ESPORTE COMO ELEMENTO EDUCACIONAL SOBRE A ÓTICA
DA CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de grau de licenciado no curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador(a): Prof. Ms. Danielle Torri

CRICIÚMA

2012

HÉLIA DE FÁTIMA PEREIRA DIAS

**O ESPORTE COMO ELEMENTO EDUCACIONAL SOBRE A ÓTICA DA
CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação Física Escolar.

Criciúma, 07 de Dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Danielle Torri – Ms. – (UNESC) - Orientadora

Prof. Carlos Augusto Euzébio - Ms. – (UNESC)

Prof. Elisa Fátima Stradiotto – Ms.

**Dedico este trabalho a todos que de alguma
forma fazem parte da minha vida.**

AGRADECIMENTOS

O ser humano é movido pela segurança, onde a base de referências e alicerces são sustentadas em Deus (para quem crê) na família, nos professores, e nos amigos. Seres iluminados que nos motivam e impulsionam para a realização dos nossos desejos, sejam profissionais ou afetivos, entre outros relacionados à valores tão significativos quanto esses.

Deste modo, esta página é destinadas a todos aqueles que sentem-se tocados ao discorrer seus olhares por essas singelas palavras, seja de sua forma mais simples à mais complexa . Vocês oportunizaram grandes reflexões a respeito da vida, da educação, da vivência no coletivo e da busca inquietante por uma vivência digna e regada de intenções sinceras as quais atribuo um enorme significado, pois vocês foram meus guias em todo o processo de formação, bem como na elaboração deste trabalho.

Só tenho uma simples e calorosa palavra a dizer-lhes:

MUITO OBRIGADA...

Com todo meu carinho e respeito, um grande abraço a todos.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino”.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar as possibilidades formativas por meio do esporte que ocorrem nas aulas de Educação Física, bem como identificar quais conhecimentos os alunos do Ensino Médio de uma escola da rede estadual de ensino, tem para com este conteúdo, visto que este é um fenômeno que movimenta grande parte das ações dessa disciplina. Portanto, entendemos que é de extrema importância analisá-lo em diferentes manifestações, desde a sua prática à reflexão sobre sua contemporaneidade, a fim de que os alunos utilizem este para novas elaborações no que diz respeito à formação integral do ser humano. Ser esse, que deve ser comprometido, consciente e ativo na sociedade na qual está inserido. Nosso estudo se caracterizou por ser uma pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, também utilizamos a técnica do estudo de caso, obtendo informações sobre a comunidade escolar em questão. Utilizamos além do questionário, a observação sistemática para apreender o possível sentido dos alunos com relação ao esporte. Nossas informações obtidas não foram quantificáveis, mas sim, os dados foram analisados indutivamente, com a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a partir das fontes teóricas. Os pesquisados foram alunos e professores do Ensino Médio que responderam perguntas abertas; também utilizamos as análises do estágio IV obrigatório em Educação Física Escolar. Os resultados apontam para o conhecimento do saber fazer por meio da prática, e o saber da técnica dos esportes, e os alunos as relacionavam a saúde e qualidade de vida, conhecimento este essencial na visão dos mesmos. Entretanto, as fontes teóricas nos apontam que esta área de conhecimento já deu um passo qualitativo em relação à visão da aptidão física para promoção da saúde conforme relatada por eles. A Educação Física escolar na visão de autores progressistas, deve oportunizar o ensino pedagógico dos esportes, para a partir deste, constatar, interpretar e compreender a realidade complexa e contraditória.

Palavras-chave: Esporte. Concepção Crítico-Superadora. Formação Docente em Educação Física. Formação Humana.

SUMÁRIO

1 ESTRUTURANDO O CENÁRIO	9
2 APRESENTANDO OS PERSONAGENS	11
2.1 O PROTAGONISTA – O ESPORTE	11
2.2 ATOR COADJUVANTE - CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA.....	15
2.3 ESPORTE “NA ESCOLA” E ESPORTE “DA ESCOLA” - DRAMAS DA VIDA REAL	21
2.4 ATORES PRINCIPAIS - FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA	22
3 OS CAMINHOS DA PESQUISA	26
3.1 O PALCO DO ESPETÁCULO	26
4 CENAS PRINCIPAIS – ESPORTE E CONHECIMENTO- ANÁLISES	29
4.1 CENA PRINCIPAL PARTE I - ANÁLISE DOS ESTÁGIOS	31
4.2 CENAS PRINCIPAIS – ESPORTE E CONHECIMENTO- ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	38
4.2.1 Cena Principal parte II - Análises das entrevistas com os Alunos	39
4.2.2 Cena Principal parte III - Análises das entrevistas com os Professores...	46
5 CONSIDERAÇÕES OU CENAS FINAIS?	55
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE(S)	63

1 ESTRUTURANDO O CENÁRIO

O esporte é sem dúvida uma das produções históricas da humanidade mais conhecidas no mundo. Ele apresenta um caráter social bastante abrangente e multifacetado desde seu surgimento até os dias atuais, visto que o mesmo passa por uma série de contradições, afirmações e questionamentos com relação aos seus desdobramentos na mídia, na organização da corporalidade, mas principalmente quanto a sua prática.

Para a Educação Física isso se torna mais nítido já que grande parte da prática da Educação Física corrente nas escolas se organiza por meio deste conteúdo comum. Nas observações dos estágios supervisionados I e II III e IV do curso de licenciatura em Educação Física, identificamos um conhecimento bastante fragmentado sobre o conteúdo esporte, percebendo que este apenas acontece na escola por meio de apenas uma de suas manifestações qual seja - a prática. E este trabalho entende-deseja uma prática esportiva no meio escolar que venha a contemplar a todos os alunos, outras possibilidades de manifestações, bem como, este poderia ser meio para discussões acerca de novas formas de praticá-lo e de entendê-lo.

Este trabalho é fruto de uma série de inquietações com relação ao sentido e significado que vem sendo dado ao esporte nas aulas de Educação Física, visto que neste campo de conhecimento ele possui uma vasta literatura que contempla algumas metodologias de ensino para o mesmo. Porém, a experiência nos diz que grande parte dos professores não estrutura suas aulas por meio delas, sendo estas metodologias não aproveitadas e sequer discutidas. Essa inquietação nos levou a elencar o **tema**: O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora. Concepção esta que entende o esporte como um conteúdo que permite apropriação de conhecimento.

Escolhemos esta metodologia por entender que esta poderia estabelecer um diálogo com a realidade, e que certamente nos apontaria várias estratégias de ensino para os esportes, pois para essa concepção de ensino o esporte precisa ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de “esporte da escola” e não como “esporte na escola”.

O **problema** foi estipulado a partir da seguinte pergunta: Qual conhecimento está sendo oportunizado nas aulas de Educação Física a partir do conteúdo esportes? E Deste modo, nossas curiosidades nos levaram a questionar sobre: O que é o esporte? Qual parece ser importância do esporte para a escola e para a Educação Física? Como os alunos interagem quando estão realizando práticas esportivas? Quais são as fontes de pesquisa do professor para o ensino dos esportes? Será que existe uma relação entre esporte e mobilidade social?

Assim optamos pelo seguinte **objetivo geral**: Analisar o esporte como possibilidade formativa a partir da metodologia Crítico–Superadora. A partir do objetivo geral, traçamos os seguintes **objetivos específicos**: Compreender a importância e o significado dos esportes para os alunos; Analisar o funcionamento dos esportes na escola; constatar a participação dos alunos nos esportes; Verificar a compreensão dos alunos em relação aos mesmos. Investigar a utilização do esporte nas aulas de Educação Física com relação ao planejamento do professor e da escola; identificando também quais as estratégias de ensino dos esportes por parte dos professores.

Para fins deste estudo, optamos pela **pesquisa de campo** descritiva com recorte qualitativo, acreditando que ela nos apontará um melhor direcionamento ao que estamos nos propondo a investigar. O trabalho foi estruturado da seguinte forma: num primeiro momento abordamos o fenômeno esporte tanto como um produto da cultura social, quanto dentro dos muros da escola. Em sequência apresentamos a concepção crítico superadora principalmente em sua relação com o conteúdo esporte. Da mesma forma abordamos a formação dos professores de Educação Física procurando estabelecer a relação entre sua formação inicial e a escolha de seus conteúdos para por fim discutir as relações entre o esporte da escola e o esporte na escola. Num segundo momento apresentamos os caminhos metodológicos da nossa pesquisa e para em seguida relatarmos nossas discussões sobre uma experiência de estágio que tentou aproximar o esporte dos adolescentes por meio da concepção crítico-superadora, bem como as análises das entrevistas realizadas com os alunos e com os professores de Educação Física da instituição. Relatamos ao final nossas considerações finais sobre o tema.

2 APRESENTANDO OS PERSONAGENS

Este capítulo apresenta os conceitos teóricos com relação ao esporte e suas manifestações, fundamentações essas que entendemos necessárias para o desenvolvimento deste capítulo.

2.1 O PROTAGONISTA – O ESPORTE

O esporte atualmente está caracterizado como um fenômeno sócio-cultural e político-econômico com grande influência e significado no cenário mundial, um fenômeno com múltiplas possibilidades e interpretações. Envolvido cada vez mais por parâmetros empresariais e mercantis, sua função predomina para o espetáculo, e sua penetração significativa perante a sociedade deslancha como um veículo de comunicação eficaz com estratégias mercadológicas atrativas e lucrativas.

Percebemos também uma significativa ênfase quanto a sua afirmação aos “caráteres ditos sociais”, por meio de “práticas de valores” que o mesmo exerce. Deste modo, Bassani, Torri e Vaz (2003), parecem sustentar a premissa de que: “[...] O discurso oficioso diz que o esporte é um fator fundamental para educação das crianças e jovens, atribuindo-se a ele frequentemente papéis admiráveis, como o de livrá-los do consumo de drogas.”

Os autores acima citados identificam e revelam práticas esportivas carregadas de discursos enaltecidos por parte de quem trabalha com esse forte elemento cultural, estes trabalhadores parecem justificar e elencar a formação do cidadão por meio da disciplina decorrente das práticas “corretas” do esporte, aos quais explicitam o termo “bom no esporte, bom na vida”.

O esporte, na sua essência, sempre existiu em todas as culturas, porém, não com a denominação de esporte desde suas primeiras práticas, ele se atualiza em diferentes contextos históricos, pois este é um fenômeno que possui uma data e um momento específico, ou seja, sua institucionalização (organização sistematizada, com procedimentos e regras) se deu num dado momento e em várias culturas. (BRACHT apud PRONI e LUCENA, 2002).

Para Elias e Dunning (1978) o esporte é fruto do momento em que se institucionalizou práticas violentas na Inglaterra que pareciam gerar prazer nos espectadores. Práticas onde as regras eram mínimas. A violência presente no cenário esportivo foi sendo diminuída ao nível socialmente permitido, por meio das regras e de regulamentações para que fosse vista com bons olhos perante a sociedade cada vez mais civilizada.

Ainda segundo os autores (1978), o esporte ajuda a manter um equilíbrio entre as tensões, que são geralmente proibidas no dia a dia, pela crescente internalização das regras e pressões externas, o que acaba promovendo uma combinação entre as emoções proporcionadas pela prática e sua regulamentação específica, constituindo-se assim fonte de prazer.

Também de acordo com Vaz (2010) o esporte é um elemento cultural que teve sua gênese a partir dos jogos populares europeus, tais práticas ganharam regras e normas que foram se solidificando e estandarizando até que se tornassem modalidades esportivas universais. Para o autor, o esporte tem formas e expressões diferentes do jogo, embora seja difícil separar inteiramente um do outro. O que os torna distintos são as formas de organização interna ou externa, enquanto no esporte tem-se a universalização dos procedimentos e normas, nos jogos há uma deliberação interna, ou seja, este não obedece a procedimentos universais.

Vaz (2010), aponta uma grande diferenciação importante entre jogo e esporte, e este diz respeito ao predomínio do processo e do resultado. No jogo prevalece o interesse pela dinâmica de realização, e visivelmente que no esporte é totalmente ao contrário, pois a ênfase está muito mais no resultado a ser alcançado.

Deste modo Vaz (2010, p. 99), relata dois princípios pelos quais o esporte opera:

O esporte opera como dois princípios básicos constitutivos, comparações objetivas e sobrepujança. O primeiro diz que é necessário igualdade formal de chances para uma contenda. O mesmo número de jogadores em uma equipe e outra, o cuidado em separar homens de mulheres, crianças de adultos e idosos. O segundo está vinculado [...] a sobrepujança, está dado que a finalidade central do esporte se relaciona à vitória sobre o adversário, entendido como um obstáculo a ser superado.

O esporte sendo fruto das práticas corporais da aristocracia /burguesia inglesa e das classes populares, é prototípico da modernidade, isto é, o esporte moderno é um mero reflexo das estruturas mais amplas que caracterizam a sociedade moderna, ou, no viés marxista, como um reflexo da sociedade industrial

capitalista. Parecendo haver um esporte como que um mundo próprio, como que transcendendo todas as formas de organização social. (BRACHT apud PRONI e LUCENA, 2002).

Questionando o caráter mercadológico firmado na história do esporte Bracht (apud PRONI e LUCENA, 2002), destaca que a sua mercadorização significa a extensão da lógica da mercadoria para o âmbito das práticas corporais (de lazer), tanto no sentido do consumo de prestação de serviços quanto na produção e no consumo do espetáculo esportivo e de seus subprodutos. O autor ainda relata que houve um “descompasso” entre as possibilidades colocadas pelas novas tecnologias de comunicação e o potencial de mercado e o aprofundamento da mercadorização.

Sendo assim, Bracht (apud PRONI e LUCENA, 2002), argumenta sobre alguns fatores que possivelmente expliquem o “descompasso” da mercadorização: a) O movimento olímpico agiu como frenador na medida em que estava aferrado a um conceito de amador que lhe fornecia suporte ideológico e legitimidade social. Ele foi o principal responsável pela aderência da categoria da nação do esporte, o que permitiu sua vinculação com a Guerra Fria, que o amadorismo tivesse uma sobrevida no esporte de alto rendimento ou espetáculo. b) a prática do associacionismo foi outro elemento cultural de resistência à mercadorização.

Também o esporte como assunto privado, mas de associações civis livres, sem fins lucrativos, baseadas no trabalho voluntário, que supriam interesses específicos (esportivos) de grupos, que cultivavam valores como amadorismo, o fair play, que permitiam a prática de valores masculinos ou exercício da virilidade, colocava essa atividade como algo no plano voluntário sem fins lucrativos. (BRACHT apud PRONI e LUCENA, 2002)

Tratando-se em observar o esporte como meio de mobilidade social, muito comum no Brasil, percebemos a influência econômica crescente que este parece possuir. Para reforçar essa vinculação ao capital exacerbado que permeia por este campo, encontramos as equipes de futebol nas suas categorias de base que chegam a firmar contratos milionários com “futuros craques”, adolescentes que não tem noção do investimento no qual estão sendo submetidos, ficando claro que eles pouco participam desse “jogo de interesses”.

A partir disso, o que não podemos deixar de citar, que por um lado trará alguns benefícios, é a grande conquista político-econômica que o Brasil obteve sendo escolhido para sediar dois grandes eventos esportivos: a copa do mundo em

2014 e as olimpíadas em 2016, um marco na história do país, pois parece-nos que estamos a poucos passos de sermos reconhecidos mundialmente pelo nosso “favoritismo esportivo”.

Assim esses eventos “oportunizariam” e “aumentariam” as chances de subirmos no ranking de países subdesenvolvidos por meio do capital. A supervalorização do esporte como prática e discurso capaz de trazer a redenção para o país bem como para as cidades que sediarão essas práticas é visível, pois há quem induz a população a pensar que será um grande empreendimento visando o mercado de trabalho, ou seja, haverá um salto quantitativo em relação ao desemprego. Porém, esquecem de esclarecer a população que são empregos temporários que beneficiarão muito mais o setor político pelos seus futuros interesses econômico mundiais, do que os trabalhadores propriamente dito.

Crianças, jovens e adultos são iludidos a respeito da ascensão via esportiva, aí questionamo-nos: ascensão de quem? E para que? Compreendemos que os profissionais da Educação Física terão uma tarefa árdua imposta pelas vaidades político-econômicas no qual age compulsivamente sem observar as necessidades reais da nação.

De um lado encontramos a valorização das práticas de rendimento, o que favorece aos nossos atletas que lutam diariamente pela melhora da performance juntamente com os profissionais do esporte (professores-técnicos) em busca do resultado máximo. Por outro lado, temos o profissional da escola (professor de Educação Física), que terá todos os desafios possíveis diante dessa anarquia de práticas desenfreadas que se instalará nas suas aulas, pois os meios televisivos e cibernéticos estarão a mil com informações que vão e vem a milésimos de segundos, dificultando qualquer aprofundamento e reflexão do que está temporariamente acontecendo.

Diante disso, detectamos um dos problemas: qual será o conteúdo trabalhado nas aulas de Educação Física neste período? Certamente o governo já antecipou sua contribuição quanto a esta situação, criou projetos articulados à seus interesses, visualizando estes eventos como promotores da riqueza nacional, tendo em vista que o esporte brasileiro contribuirá cada vez mais para tal feito, pois o país será o “berço dos futuros atletas”, enaltecendo cada vez mais a máxima: “Brasil o país do futebol”.

Contudo, ainda não convencidos de que somente o esporte dará conta do conhecimento necessário de que trata a Educação Física no ambiente escolar, pois afinal, esta disciplina trata pedagogicamente a cultura corporal, que se expressa “[...] no jogo, no esporte, na ginástica, na dança, e outras” (COLETIVO DE AUTORES, 1992 pg. 62), nos resta ainda saber: como os profissionais deste ambiente desenvolverão todas as dimensões da corporeidade tratada pelos autores acima em tempo de “auto-escolha” de conteúdos ditados por elementos mais poderosos que o conhecimento?

Analisando os escritos de Bracht (2005), identificamos que no Brasil foram incorporadas pela constituição Federal de 1988, as diferenciações do esporte em três manifestações, sendo elas: a) desporto-performance; b) desporto-participação; desporto-educação. O autor afirma não diferenciar de forma específica o esporte educacional, pois sua forma de realização é cópia (modelo) do alto rendimento (infelizmente).

Do mesmo modo Bracht (2005), relata que o esporte enquanto atividade de lazer também é balizado pelas ações do esporte de rendimento, este por sua vez, caracterizado pela sua comercialização no qual os resultados de suas ações sempre levam a fins lucrativos com visões político-econômicas.

Para o Coletivo de Autores (1992), o esporte sendo uma produção histórico-cultural, subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista, não podendo este se afastar das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que são atribuídos valores para justificá-lo no currículo escolar. “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

2.2 ATOR COADJUVANTE - CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA

Este subcapítulo apresenta uma das concepções críticas do ensino nacional – a concepção crítico-superadora - bem como sua trajetória histórica ao longo do desenvolvimento da educação, numa ótica que visa a transformação da realidade social atual.

A Educação brasileira parece estar caminhando por duas vias: as vias lentas e as vias aceleradas em busca da evolução-transformação de sociedade que se deseja. A primeira diz respeito às estruturas físicas das escolas, estas estão excluídas dos interesses governamentais, seja federal, estadual ou municipal, há necessidades urgentes com relação a essa realidade, como também ao material humano (professores em especial), estes precisando ser valorizados pelas nossas políticas de educação, pois é com a qualidade de nossos educadores que alcançaremos as metas e objetivos que estarão em consonância com a realidade que se deseja transformar.

A segunda diz respeito à quantidade de facilidades (ou fragilidades) encontradas no nosso sistema de educação quanto ao seu caráter quantitativo, sabemos de inúmeros programas, e provas propostas pelo governo federal a fim de alavancar o índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) este um dos quesitos necessários para a ascensão mundial.

Observamos que o sistema carece de medidas qualitativas, para isto, a educação nacional terá que rever o seu papel e traçar metas que sejam seguidas a risca a fim de participarem efetivamente da construção de propostas que supram as necessidades nacionais diante de uma sociedade globalizada e em extremos processos de mudanças. Sendo assim, percebemos que surge a necessidade de rever sua organização educacional sobre a ótica de um sistema que privilegie a autonomia do cidadão brasileiro enquanto ser histórico e social.

Na Educação Física especificamente, nos anos 80 é instalado um movimento que visa compreender esta área de conhecimento não pela sua parte biológico-funcional, e sim com uma fundamentação pedagógica na pedagogia histórico-crítica, ou seja, “em vez de controlar o movimento apenas no sentido mecânico-fisiológico, encarando-o agora como fenômeno cultural, pretende dirigi-lo a partir da “consciência crítica” dos determinantes sóciopolíticos-econômicos” (BRACHT, 2003 p. 50).

Segundo Alves (2006), Saviani, inspirado em Marx, faz o uso do materialismo-histórico e da compreensão dialética da realidade para propor uma pedagogia que avance para além das teorias da reprodução e possa contribuir para o processo da transformação social. A pedagogia histórico-crítica faz clara opção em favor da classe trabalhadora e enfatiza o aprendizado do conhecimento sistematizado.

Conseqüentemente a esse pensamento, a Educação Física passa por movimentos renovadores e é nesse âmbito que se localiza a concepção Crítico-superadora. [...] “Nessa perspectiva de Educação Física, o objetivo não está restrito ao aprimoramento das capacidades físicas ou rendimento esportivo, mas sim o de propiciar a aos alunos a apropriação crítica da cultural corporal” (ALVES, 2006 p.321)

A concepção denominada por crítico-superadora se baseia por pressupostos Marxistas, voltados para uma concepção socialista de sociedade. Sua matriz filosófica está fundamentada no materialismo histórico dialético, e o centro de debate desta proposta é o conhecimento.

Tal perspectiva encaminha-se em colocar o indivíduo como sujeito transformador da realidade na qual está inserido, sendo o mesmo, elemento articulador de uma prática social que o possibilite fazer uma análise de todos os elementos da sociedade, que o direcionará a autonomia promovendo à autocrítica, conduzindo assim o seu processo de formação universal rumo a um ideal emancipador de formação integral (CUNHA, et al, s/d), s/p).

Para se trabalhar essa abordagem crítica é preciso correlacionar os fatos históricos sociais e associá-los a contemporaneidade da realidade social, estabelecendo que todas as realizações da sociedade são frutos do trabalho advindo de uma necessidade de superação de uma determinada situação social do indivíduo. (CUNHA, et al, s/d), s/p)

“A Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: o jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p. 50)

Os conteúdos da Educação Física possuem uma vinculação social com a realidade atual. “O esporte vinculado à produção do espetáculo televisivo; a dança com vinculações étnicas, culturais, históricas e as discussões com relação a gênero; a ginástica e as lutas ligadas a questões estéticas e às tradições da “boa condição física”; os jogos articulados às questões lúdicas de cada prática corporal desenvolvida no campo das transformações culturais” (BRASIL, 2006).

A concepção crítico-superadora aborda questões de interesse, contestação, poder e esforço. Acreditando assim, que uma pedagogia visando somente como ensinar não seria suficiente, mas também como adquirir esse

conhecimento, sendo necessário valorizar a contextualização dos fatos e do resgate histórico (DARIDO, 2003).

Concordando com o exposto acima, Barni e Schneider (2002, p. 07), relatam que:

[...] a concepção Crítico-Superadora tem seu embasamento no discurso da justiça social no contexto de sua prática, onde se busca levantar questões de poder, interesse e contestação, fazendo-se uma leitura à luz da crítica social dos conteúdos. Ao professor cabe o papel de orientar a leitura da realidade, onde o aluno, de forma crítica, pode constatar interpretar, compreender e explicar a mesma.

Essa pedagogia tem características específicas; sendo ela diagnóstica, judicativa e teleológica. Ela é diagnóstica porque pretende ler os dados da realidade, interpretá-los e emitir um juízo de valor. É judicativa porque julga os elementos da sociedade a partir de uma ética que representa os interesses de uma determinada classe social. E teleológica porque busca uma direção, dependendo da perspectiva de classe de quem reflete (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nesta perspectiva existem alguns princípios curriculares propostos pelo Coletivo de Autores (1992), quanto ao trato com o conhecimento que são utilizados para selecionar os conteúdos a serem ensinados:

- Relevância social do conteúdo – considera a realidade em que o aluno vive e facilita a compreensão dos determinantes sócio-histórico, particularmente a sua condição de classe social.
- Contemporaneidade do conteúdo - garante ao aluno o conhecimento da modernidade do mundo contemporâneo e dos conteúdos clássicos.
- Adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno – adequar o conteúdo a ser apresentado ao aluno, conforme sua capacidade cognitiva e as suas possibilidades enquanto sujeito histórico.
- Esses princípios estão ligados a outros metodológicos, ligados à forma de como serão tratados no currículo, que são os seguintes:
 - Confronto entre os saberes – é saber usar o conhecimento que o aluno traz do seu cotidiano, para facilitar a apropriação do conhecimento científico selecionado pela escola.
 - Simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade – os conteúdos devem ser apresentados aos alunos de forma simultânea e não separados conforme a série.

- Espiralidade – onde se rompe com o método de linearidade.
- Provisoriedade do conhecimento – o aluno deve ter a consciência de que os conteúdos estudados dependem dos momentos históricos, que ele não é finito, mas muda com o tempo e o avanço dos estudos.

Baseados nesses princípios os autores dessa concepção defendem a idéia de organização curricular em Ciclos de Escolarização Básica.

Nos ciclos, os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada, desde o momento da constatação de um ou vários dados da realidade, até interpretá-los, compreendê-los e explicá-los. Dessa forma, os ciclos não se organizam por etapas. Os alunos podem lidar com diferentes Ciclos ao mesmo tempo, dependendo do(s) dado(s) que esteja(m) sendo tratado(s). Ao introduzir o modelo dos Ciclos, sem abandonar a referência às séries, busca-se construir pouco a pouco as condições para que o atual sistema de seriação seja totalmente superado (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 34 - 35).

Esses ciclos vão do primeiro ao quarto ciclo ensino, que segundo o Coletivo de Autores (1992), o primeiro ciclo é o da organização da identidade dos dados da realidade que compreende da pré-escola até a terceira série. O segundo ciclo de ensino é o da iniciação a sistematização do conhecimento, que compreende a quarta, a quinta e a sexta série. O terceiro ciclo é o da ampliação da sistematização do conhecimento, que compreende a sétima e a oitava série. E por fim o último ciclo citado é o do aprofundamento a sistematização do conhecimento, que compreende a primeira, segunda e terceira série do ensino médio.

Ao tratar o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física, a concepção crítico-superadora traz à tona relevantes papéis que este conteúdo poderia ter na emancipação do aluno, desde que para o mesmo haja um planejamento e este seja pensando efetivamente em um currículo onde toda a comunidade escolar tenha discutido, analisado e pensado juntamente com os professores de Educação Física sobre as atividades que possam dar sustentação ao que se espera da educação por meio do esporte nesta disciplina.

Nesta linha de pensamento, o Coletivo de Autores (1992), identifica que o aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação. Observamos que para esta concepção, absorver e correlacionar os fatos é fundamental para a apropriação do conhecimento que está sendo construído. As informações as quais os alunos vão processando no

decorrer dos anos escolares construirão suas atitudes em favor de determinada classe social.

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 63-64).

Caminhando um pouco mais com o Coletivo de Autores (1992), observamos que para o ensino dos esportes no meio escolar, é necessário “desmitificá-lo” através da oferta de um conhecimento que permita aos alunos criticarem-o dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural. Para os autores, esse conhecimento ainda deve promover a compreensão de que a prática esportiva na escola deve ter significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte a todos.

Sendo assim, estes alunos terão subsídios necessários para a elaboração de novas compreensões a respeito do esporte, pois este deve ser meio de reelaborações que visem à autonomia dos alunos em prol da consciência para com a realidade auto-imposta, já que este é um grandioso elemento propagador de nossa cultura, portanto devemos utilizá-lo para as questões ligadas a interesses e poderes que o mesmo possui para a compreensão e transformação da realidade que se firmou.

A concepção crítico-superadora nos fornece subsídio teórico para desenvolvermos nossas práticas pedagógicas, assim como, apresentam em suas propostas, orientações quanto à distribuição dos conteúdos pelos ciclos de escolarização e quais aspectos pode-se abordar em cada conteúdo, especificamente nos esportes como: futebol, atletismo, voleibol, basquetebol, estes os mais utilizados nas escolas, para tanto a organização de ensino dos mesmos nessa ótica, é favorável à reflexão e compreensão do aluno, pois este analisa o conteúdo desde seu surgimento (fatos históricos), até interesses de permanência nos dias atuais.

De acordo com o Coletivo de Autores (1992), a concepção crítico-superadora leva-nos a alçar nossos olhares e analisar juntamente com os alunos todas as manifestações possíveis dentro de uma modalidade esportiva a ser apreendida: no caso do futebol, enquanto espetáculo esportivo; enquanto processo

de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional; enquanto jogo popularmente praticado; enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo, e em especial no Brasil.

2.3 ESPORTE “NA ESCOLA” E ESPORTE “DA ESCOLA” - DRAMAS DA VIDA REAL

Este subcapítulo foi organizado para conceituar as práticas esportivas que ocorrem na escola, em especial nas aulas de Educação Física, sob a visão de autores que crêem ser possível haver uma mudança significativa com relação ao “esporte na escola”, este firmado e enraizado no cotidiano escolar, aí então a necessidade de torná-lo em “esporte da escola”, o qual daria novos rumos ao processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Vago (1996), a escola como instituição social pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade. Essa discussão parece ser algo já debatido, e muito discutido, porém apesar das discussões já estabelecidas o contexto escolar não mudou. Ainda na escola apenas repetimos o esporte nas suas estruturas hegemônicas, ou ainda uma insuficiente representação deste, já que a estrutura precária das escolas não nos permite realizar o esporte de rendimento como este se apresenta para nós.

“A escola é entendida como um lugar de transmissão de um conhecimento produzido sempre fora dela, por um outro sistema “mais poderoso”, para usar a sua expressão” (BRACHT apud VAGO, 1996 p.06). Fazendo uma análise desta fala, percebemos que o sistema “mais poderoso” a que o autor se refere, diz respeito ao esporte de rendimento estar altamente inserido nesta instituição sem um trato no sentido do conhecimento por parte deste elemento cultural, o que fica meramente balizado por sua reprodução prática de selecionar talentos.

Bracht (apud VAGO, 1996), relata que a Educação Física assume os códigos de outra instituição, a “instituição esporte”, desta forma então, terá o esporte na escola e não o esporte da escola, o que significa dizer que esta é subordinada

aos interesses da instituição esportiva. O esporte na escola é um prolongamento da própria instituição esportiva, que tem em seus códigos: princípio do rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas.

Vago (1996), afirma que a escola é um lugar de produção de cultura, cabe a esta então, ao tratar do esporte, produzir outras possibilidades de se apropriar dele. Ela poderá problematizar o esporte como fenômeno sociocultural, construindo um ensino que se confronte com aqueles valores e códigos que o tornaram excludente e seletivo, para dotá-lo de valores e códigos que privilegiam a participação, o respeito à corporeidade, o coletivo e o lúdico.

Para o Coletivo de Autores (1992), a escola precisa resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, fazer com que se compreenda que o jogo se faz “a dois”, e que é diferente jogar “com” o companheiro e jogar “contra” o adversário, contrária a ideia central do esporte da sobrepujança esportiva.

2.4 ATORES PRINCIPAIS - FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste subcapítulo abordaremos a gênese da formação dos professores de Educação Física no Brasil, bem como as possíveis transformações que ocorreram ou ocorrem no decorrer do processo educativo.

Segundo Darido (2003), no período entre 1950-1975 há um aumento significativo no número de faculdades de Educação Física, pois em 1950 funcionavam apenas dois cursos em São Paulo, estes provenientes do sistema militar, entretanto esse número aumentou aproximando-se a 30 cursos no final da década de 70. Tojal (apud DARIDO, 2003), afirma que estes cursos se iniciaram com a ausência de preocupações com produção do conhecimento e ainda hoje se mantém dessa forma. Essas instituições tinham suas propostas baseadas no ensino dos esportes.

As formações profissionais em Educação Física, de maneira geral, predominam as disciplinas técnico-esportivas, essas levam o profissional a uma falta de embasamento teórico, falta essa que impediria a transformação da prática dos professores. (DAÓLIO apud DARIDO, 2003, p. 26)

Para Rodrigues (1998), exercer a atividade docente, ou seja, “dar aulas” não se resume a uma atividade técnica. O ato de ensinar não é o mesmo que aplicar métodos e técnicas, ou ainda copiar a “receita do bolo” na resolução de um problema qualquer que possa surgir nas diversas situações de aula. A dificuldade maior não é encontrar a resposta do problema e sim identificar o problema ou as situações problemáticas. A autora descreve que é aqui que se torna necessária a capacidade de reflexão e crítica do professor: “[...] a conversa-reflexiva-com-a-situação permite aos atores repensar a compreensão do que ocorre, refletir sobre suas perspectivas e procurar comunicá-las” (MOREIRA, apud RODRIGUES 1998).

A formação profissional de Educação Física aponta dois modelos: o tradicional-esportivo e o científico. O primeiro aborda as ditas disciplinas práticas, o saber fazer para ensinar, especialmente as habilidades esportivas, e fazem clara distinção entre teoria e prática, onde a teoria estaria ligada ao conhecimento do domínio biológico, e a prática ao desenvolvimento de atividades em quadras, piscinas, pistas e outros. A segunda é totalmente contrária, esta apresenta professores engajados com a produção do conhecimento (DARIDO E BETTI & BETTI apud DARIDO, 2003).

Conforme Rodrigues (1998), as Licenciaturas em Educação Física preocupam-se demasiadamente com a formação técnica derivada do conhecimento científico, em detrimento da formação intelectual crítica. A autora ainda relata que as habilidades técnicas do conhecimento não são suficientes para o professor compreender a realidade que o cerca e apreender as diferentes situações que as relações professor-aluno, professor-escola e professor-sociedade lhe impõe.

Retratando ainda esta concepção de formação, Carmo e Costas (apud DARIDO 2003), identificaram que os cursos de licenciatura davam ênfase à formação esportiva mecanicista, em muitos casos desvinculada da realidade social concreta, e frequentemente tratavam o esporte de forma institucionalizada, onde a transmissão e reprodução do conhecimento vinculam-se ao modelo capitalista.

Darido (2003) expõe que no início da década de 90, o modelo científico consolidou-se no país, aí então a Educação Física recebeu muitas influências para ser tratada como área do conhecimento, onde se fazia necessário um currículo que subsidiasse esse processo. O currículo científico valoriza as subdisciplinas da Educação Física, como a aprendizagem motora, fisiologia do exercício, biomecânica além das disciplinas das áreas de ciências humanas: história da Educação e da

Educação Física, sociologia da Educação e da Educação Física, filosofia da Educação e da Educação Física. Nesta perspectiva, o ensino do esporte privilegia o aprender a ensinar, e para tal o conhecimento teórico é fundamental na medida em que fornece elementos de compreensão do processo ensino-aprendizagem.

Medina (apud DARIDO, 2003), identificou algumas características dos professores de Educação Física resultantes de um processo de formação inadequado: indivíduos semi-alfabetizados, incapazes de explicar com clareza a que se propõe a disciplina de Educação Física; visão voltada mais para um esporte, em detrimento de outras práticas educativas; dificuldade de entender a importância de uma fundamentação teórica em relação à prática; supervalorização do sentido de competição das atividades com ênfase no resultado e na vitória; visão essencialmente individualista.

Em sua pesquisa sobre a formação curricular em Educação Física, Albuquerque, Darido & Guglielmo (apud DARIDO, 2003), retrataram a tendência histórica voltada para o desenvolvimento das capacidades físicas e do rendimento esportivo. Os autores relatam a falta de interesse dos professores com relação aos avanços feitos nas Universidades com relação às novas abordagens para a Educação Física escolar, visto que estes desconhecem-as, pois permanecem presos às atividades ligadas à sua formação, sendo essas de modelo esportivista, higienista, adotando a divisão de gêneros sem se aterem às diferenças individuais.

Porém, os autores identificam que o trabalho do professor deve ser olhado com muito respeito, pois a teoria nem sempre será suficiente para que sua ação seja concretamente efetiva, seu dia-dia é composto por imprevistos, obstáculos, e lhes faltarão recursos que não são contemplados a luz das propostas teóricas. Segundo Tardif (2000), um professor raramente tem uma teoria ou uma concepção unitária de sua prática; ao contrário, os professores utilizam muitas teorias, concepções e técnicas, conforme a necessidade, mesmo que pareçam contraditórias para os pesquisadores universitários.

Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apóia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos nas universidades, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional; ele se apóia também naquilo que podemos chamar de conhecimentos curriculares veiculados pelos programas, guias e manuais escolares; ele se baseia em seu próprio saber ligado à experiência de trabalho, na experiência de certos professores e em tradições peculiares do ofício de professor (TARDIF, 2000 p.14)

Com relação a reflexão sobre a ação do professor, Rodrigues (1998), descreve que o conhecimento dos professores reduzido somente a prática, com o passar do tempo, se torna repetitiva e rotineira e o conhecimento-na-ação é cada vez mais inconsciente e mecânico. Desta forma, o seu conhecimento prático vai-se fossilizando e repetindo, aplicando os mesmos esquemas a situações cada vez menos semelhantes. Assim “[...] torna-se insensível às peculiaridades do cotidiano que não se encaixam no seu empobrecido pensamento e pode cometer erros que nem sequer consegue detectar”. (RODRIGUES, 1998).

Para Tardif (2000), os saberes profissionais são personalizados e situados, assim ele os descreve:

Um professor tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam as marcas dos contextos os quais se inserem (TARDIF, 2000 p. 15).

Conforme Virtuoso Junior et al (2003), no contexto escolar, é necessário relacionar interdisciplinaridade, com criatividade e diversificação. Para estes valem as mais variadas formas de se transmitir o conhecimento. Podendo ser através da capoeira, da dança ou do lúdico e do esporte o professor tem a oportunidade de problematizar valores como companheirismo, corporeidade, criticidade e solidariedade.

O novo perfil profissional indica a importância de estar aberto às mudanças, ter disposição para adaptar as atividades e o desenvolvimento de trabalhos junto com os alunos. O ‘novo profissional’ deve ser ativo, empenhado e crítico nas atualizações de conhecimento, uma vez que a proliferação de cursos de especialização e mestrado não reconhecidos pelas instituições superiores de pesquisa tem sido cada vez mais comum. Este aumento de oportunidade de atualização não é sinônimo de qualidade, mas na maioria das vezes está ligado somente ao interesse financeiro, com a conseqüente desvalorização profissional e sua inabilidade pedagógica (VIRTUOSO JUNIOR. et al, 2003 p.27).

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Nosso estudo se caracterizou por ser uma pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, e que segundo Rodrigues (2007), consiste na observação dos fatos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas. Também utilizamos a técnica do estudo de caso, obtendo informações sobre a comunidade escolar em questão.

Quanto aos objetivos Rodrigues (2007), aponta descritiva aquela que os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados. No nosso caso utilizamos além do questionário, a observação sistemática de momentos extra aulas e das aulas de estágio supervisionado para apreender o possível sentido dos alunos com relação ao esporte. Nossas informações obtidas não foram quantificáveis, mas sim, os dados foram analisados indutivamente, com a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a partir das fontes teóricas.

Assim os caminhos pelos quais nos orientamos para responder os objetivos dessa pesquisa foram, em primeiro momento, observações e análises das atuações de alguns momentos do estágio IV do curso de Educação Física, no qual trabalhamos com uma modalidade esportiva, fazendo reflexões a partir de referenciais teóricos. No segundo momento, aplicamos um questionário contendo cinco perguntas abertas a dez alunos do primeiro ano, dez alunos do segundo ano e a dez alunos do terceiro ano do ensino médio, bem como um questionário contendo sete perguntas abertas aos três professores de Educação Física desta escola localizada na cidade de Araranguá. Posteriormente analisamos as respostas dos alunos com o auxílio de fontes teóricas que pudessem dar qualidade as nossas análises. Conseqüentemente o mesmo procedimento foi realizado com o questionário dos professores. Assim pudemos obter um bom material que pudesse nos apontar respostas para questões pelas quais nos propomos a pesquisar.

3.1 O PALCO DO ESPETÁCULO

Nossa pesquisa teve como horizonte teórico o livro Metodologia de Ensino de Educação Física que orientou nosso olhar para uma escola pública da rede

estadual de ensino situada no centro da Cidade de Araranguá, no sentido de entender as possibilidades formativas que o esporte pode proporcionar.

Essa escola atende Ensino médio, Curso de magistério e Curso técnico em contabilidade, No período matutino há vinte turmas de ensino médio e duas turmas de magistério, no período vespertino sete turmas de ensino médio, uma turma de magistério e uma turma de contabilidade e no período noturno dez turmas de ensino médio, três turmas de magistério e uma turma de contabilidade. As turmas do período matutino contêm em média trinta alunos, e nos outros turnos entre vinte e vinte e cinco alunos, estes são oriundos de vários bairros da cidade. A escola tem cinquenta anos de funcionamento, sua estrutura física encontra-se em estado precário, havendo necessidades emergenciais de melhorias, porém a direção afirma que não há verba estadual para tal feito, e que as pequenas melhorias que acabam sendo feitas na escola, são advindas de recursos disponibilizados pela APP¹.

A maioria dos professores possui especialização, assim o quadro de funcionários é satisfatório em função desse nível de escolaridade que os docentes possuem. Neste ano especificamente, houve um excesso de licenças afastando temporariamente alguns professores que logo foram substituídos por professores ACT's (admitido em caráter temporário) já formados, deste modo a escola possui quarenta e sete professores ativos, sendo 30% deles ACT's. Do quadro total de professores 80% são mulheres.

A escola possui um diretor e uma diretora adjunta, ambos formados em Educação Física, há também uma direção pedagógica que se responsabiliza pelas questões que dizem respeito aos professores e agentes administrativos bem como pela parte pedagógica, ou seja, coordenam e verificam as ações dos docentes e seus respectivos conteúdos. Para os pais e alunos há um grupo específico nesse ambiente, que é o apoio pedagógico composto por três orientadoras pedagógicas, este sendo o grande auxiliador para a melhora e qualidade de comunicação entre escola e família.

Há três secretárias que revezam entre os períodos de funcionamento da escola, essas fazem o serviço burocrático, uma delas é responsável pelo sistema de lançamento sobre todas as informações à respeito da merenda escolar que é terceirizada pela empresa Risotolândia. Esta empresa possui duas cozinheiras no

¹ Associação de Pais e Mestres.

período da manhã, uma no período da tarde e duas no período da noite, esta empresa já está na escola há três anos, em fase de experiência, pois são cinco anos para analisar se a merenda escolar está sendo servida com qualidade para os alunos, e há três funcionários responsáveis pela limpeza das salas e do pátio.

A escola conta com três professores de Educação Física, dois efetivos e um ACT, estes relatam que possuem limitações em seus espaços pedagógicos em função de outras turmas que não estão nos horários de aula de Educação Física serem liberados para fora da sala de aula quando há falta de professores ou quando concluem provas. Assim, as aulas de Educação Física sofrem com a presença dessas turmas comprometendo o espaço destinado exclusivamente para a aula que ocorre naquele momento, desta forma além de suas turmas, os professores de Educação Física precisam “cuidar” e manter a ordem para com esse alunos.

Isso pode ter ocorrido e cristalizado-se na escola em função de nos anos anteriores, as aulas de Educação Física, serem na formatação de aulas “livres”, “onde os alunos faziam o que queriam, como queriam e a hora que queriam, pois alguns professores “largavam” a bola e deixava a atividade por conta”, conforme relata a administradora escolar. Porém, com a entrada de uma professora recentemente formada em uma instituição que prioriza o ensino da disciplina de Educação Física através de conteúdos por meio de planejamentos que visam a apropriação do conhecimento, essa visão parece estar sendo reelaborada, pois mesmo que esta tenha entrado como professora ACT, ela parece mostrar-se disposta a transformar a concepção de Educação Física que os alunos, bem como a comunidade escolar tem para com esta disciplina.

Em relação a todas as disciplinas da escola, as aulas de modo geral estão sendo prejudicadas com a grande utilização de celulares, notebooks e outros aparelhos tecnológicos, estes se tornam meios de distração em sala, e por mais que os alunos conheçam as normas da instituição, onde são proibidos de usar no período de aula esses aparelhos, eles resistem a segui-las.

Os professores relatam sobre a falta de vontade com que os alunos chegam a esse ciclo de ensino, fazendo parecer que estão ali por estar, “marcando presença”. Percebemos que esses jovens já não possuem tanta empolgação às responsabilidades educacionais, seja por cansaço, por desleixo, ou por falta de motivação.

4 CENAS PRINCIPAIS – ESPORTE E CONHECIMENTO- ANÁLISES

Analisar as práticas esportivas que acontecem nos espaços escolares e emitir um juízo de valor no qual se privilegie o conhecimento a todos os envolvidos foi a tarefa escolhida pela qual balizamos nossas ações nos estágios realizados no curso de Educação Física e em especial o estágio que ora nos debruçamos. Entendendo que os esportes geram ansiedades, euforias, e enorme motivação por sua prática, iniciamos nosso planejamento pedagógico para com este conteúdo na modalidade de futsal no estágio II, no estágio seguinte, o terceiro, organizamos nosso planejamento por meio do conhecimento da modalidade de Badminton², modalidade essa desconhecida pela escola e pelas professoras de Educação Física da mesma, as quais apreenderam juntamente com os alunos essa novidade. O quarto estágio que será analisado posteriormente, e no qual focaremos nossas observações, também se realizou por meio da modalidade de Badminton. Assim relatamos abaixo alguns momentos deste estágio que nos oportunizaram ampliar nossa discussão sobre o esporte como conteúdo formativo nesta escola.

Nossa presença na escola seja em qualquer um dos estágios realizados, nos oportunizou um olhar curioso com relação as aula de Educação Física. Analisamos como esta disciplina se desenvolve no cotidiano escolar, percebemos que a maioria de suas ações são voltadas ao ensino dos esportes, bem como visualizamos períodos de aulas livres, acordo firmado entre os professores e alunos para essas práticas, onde os alunos organizam-se para o futebol e voleibol enquanto o professor observa as atividades.

O que pudemos identificar são aulas com características de esportes televisivos, o futebol e o futsal, bem como o voleibol são os mais praticados, e estes apenas com relação a reprodução das técnicas. Percebemos que tais atividades reforçam uma Educação Física que pensávamos já ter superado essa prática, pois a disciplina ganhou novos horizontes com a entrada das teorias críticas de ensino. Porém, compreendemos que maior parte dos professores que atuam nessas escolas, as quais realizamos os estágios, teve pouca ou quase não tiveram aproximação com as novas correntes de ensino de Educação Física justamente pelo

² Esporte de raquete que se utiliza petecas.

fato de sua formação profissional ser iniciada ainda quando a disciplina era entendida como forma de disciplinamento do corpo e modos higiênicos para a promoção da saúde.

Assim as aulas observadas nos estágios, eram em suma balizadas pelos esportes, em verdade os “jogos competitivos” instalados no interior da escola e representavam a cópia do modelo televisivo, como muitas vezes fomos surpreendidos até com narrações por parte dos alunos com relação ao craque do momento.

A Maior parte dos professores das escolas nas quais aconteceram os estágios supervisionados, bem como o estágio IV, mesmo em conversas informais que aconteciam na sala de Educação Física ou nos espaços da mesma; identificam que não tem como não ensinar as regras, o funcionamento, e o jogo propriamente dito, sem praticá-lo, pois se eles não “sabem fazer os movimentos “corretos” jamais saberão o que é um esporte”. E assim, não conseguem aprimorar o ensino deste conteúdo.

Ainda nesses estágios, analisamos as falas, o comportamento dos alunos quando eles estavam envolvidos com o esporte ficamos atentos ao que não estava explícito, desta forma, pudemos perceber que as práticas competitivas lhes geravam prazer, liberdade, revolta e muitas vezes eram permeadas de brigas, e esse era o esporte que se apresentava na escola.

Deste modo, a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso, não poderia deixar de estar atrelada à esses interesses, o de investigar o sentido e o significado desse elemento globalizado e enraizado em todas as culturas. Mas precisávamos elencar como seria possível não somente analisar e sim pensar em como poderíamos contribuir nessa leitura e compreensão tanto por parte dos alunos como dos professores para que tais práticas se tornassem mais transparentes e permeadas de conhecimentos variados.

Sendo assim, algumas perguntas transitavam sobre nossos pensamentos: porque os alunos tanto gostam dos esportes? Eles realmente estão praticando os esportes? Qual seria o aprendizado adquirido com este conteúdo, e se este é um grande agente formador de cidadãos?

4.1 CENA PRINCIPAL PARTE I - ANÁLISE DOS ESTÁGIOS

Relatamos abaixo as reflexões do estágio IV que aconteceram nas aulas de Educação Física com três turmas do ensino médio, sendo elas: uma turma do primeiro ano, com 25 alunos, uma turma do segundo ano com 28 alunos e uma turma do terceiro ano com 32 alunos. O estágio com essas turmas se deu da seguinte forma: duas aulas de observação em cada turma e seis aulas de atuação nas mesmas, sendo que podíamos optar por realizar as atuações a partir de duas concepções críticas de ensino – concepção crítico emancipatória (KUNZ, 2006) e concepção crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), e foi a última citada a qual escolhemos para nortear nossa ação pedagógica, compreendendo que ela nos promoveria subsídios necessários para tratar do conhecimento pelo qual nos propomos a trabalhar.

Assim elencamos o tema esporte, na modalidade de Badminton a partir da concepção crítico-superadora tendo como caminho, o segundo ciclo de ensino que esta concepção elenca que é o ciclo do início a sistematização do conhecimento, pois o badminton não era conhecido por eles, portanto, necessário seria iniciar as atividades a fim de eles compreenderem o que estavam conhecendo e por que estavam conhecendo. Mesmo sabendo que o ensino médio pertence ao quarto ciclo de ensino, descrito pelos mesmos autores, que é o ciclo do aprofundamento a sistematização do conhecimento, não poderíamos aprofundar tal conteúdo antes de iniciar qualquer discussão sobre a nova modalidade. Construímos um planejamento para seis aulas, sendo que nessas continham aulas expositivas por meio de recursos tecnológicos, bem como pela utilização de cartazes, aulas com referenciais teóricos para pesquisa de regras e aulas práticas.

A turma do primeiro ano foi a mais tranquila de se trabalhar, no sentido em relação às reclamações por “aulas livres” já citadas anteriormente. Eles aceitaram a proposta de imediato ainda quando comentamos nas observações que realizamos em suas aulas, deixando-os curiosos quanto a nova modalidade a ser aprendida, qual seja - o Badminton, pois estavam trabalhando tênis com a professora e a oportunidade por dar continuidade ao conhecimento dos esportes de raquete eram favoráveis já que seus fundamentos e funcionalidade apontam algumas semelhanças.

Enfim, o momento era apropriado em todos os sentidos, eles haviam mantido um contato um tanto quanto superficial com a modalidade por meio da televisão, que transmitia as olimpíadas em Londres, na qual o badminton se fez presente, desta forma eles não indagavam tanto quando se falava em Badminton, porém pediam: “como escreve isso?”

Comentamos sobre as possibilidades de aprendizagem, explicamos o modo de avaliação previsto juntamente com a professora titular, pois ela se fez muito ativa em todos os momentos que estivemos na escola, deste modo combinamos que as pesquisas, os relatos e o que fosse solicitado seriam validados e utilizados para melhorar as notas da prova semestral, a qual haviam realizado e tiveram médias baixas. Assim iniciamos um trabalho planejado para seis aulas, começamos por um vídeo de golpes, fundamentos, gestos técnicos e como realizá-los, na sequência assistimos ao vídeo da Regina Casé, onde ela traz uma matéria no fantástico sobre a modalidade de badminton praticado em uma favela do Rio de Janeiro.

Esses vídeos foram assistidos na própria sala de aula já que a escola dispõe desse recurso para a maioria das salas. Essa utilização reforça a ideia que o esporte não se resume a sua prática, mas sim aulas expositivas, teóricas entre outras. Ao decorrer dos vídeos eles comentavam entre si as semelhanças, do badminton com o tênis e o voleibol, no que diz respeito aos princípios curriculares no trato com o conhecimento, o Coletivo de Autores (1992) nos descreve o princípio da simultaneidade do conteúdo, no qual os conteúdos são trabalhados de organizados e apresentados de forma simultânea, explicitando a relação que mantém entre si. Os alunos ainda relataram que alguns golpes seriam mais difíceis de acertar porque a peteca é leve, também demonstraram solidariedade quando visualizaram o vídeo na favela, pois relatava a dificuldade daquela comunidade com relação à moradia, bem como, as condições precárias que o local para a prática de badminton apresentava. Havia no momento a contradição da realidade que eles conheciam dos esportes.

Alguns questionamentos quanto ao badminton foram feitos: seu conhecimento a nível nacional, sua aceitação nas escolas de nosso país, enfim sobre sua capacidade de tornar as aulas de Educação Física mais atrativas. Eles não argumentaram muito a respeito, as falas eram dirigidas por nós, porém, pareciam concordar.

Essa turma tem aulas de Educação Física só na sexta feira, aulas faixas uma na sequência da outra. Deste modo, após assistirmos aos vídeos, nos

encaminhamos para o ginásio para iniciarmos a segunda aula, conforme previsto no plano seriam oportunizados movimentos livres com as raquetes e petecas a fim de que eles compreendessem alguns golpes, e pudessem ir aproximando-se dos movimentos utilizados nos golpes dessa modalidade. Alguns alunos já foram de imediato tentar “jogar” o badminton, fazendo competições entre duplas, dissemos que os golpes estavam corretos, pois estavam utilizando forehand e clear, mas que ainda seria necessário que eles conhecessem outros elementos da modalidade para então ser o badminton mesmo. Conforme o Coletivo de Autores (1992), um dos princípios curriculares no trato com o conhecimento é o do confronto de saberes, no qual o saber popular (senso comum) é confrontado com o conhecimento científico universal, do ponto de vista metodológico, fundamental para a reflexão do aluno.

Portanto, para a situação relatada anteriormente, entendemos que aqueles alunos precisariam apropriar-se de outros conhecimentos no decorrer das aulas para então chegar ao conhecimento que a modalidade tem de específica, o que não quer dizer que o conhecimento que eles tinham com relação as rebatidas e a aproximação com o jogo de voleibol, onde a peteca não podia tocar o chão ficasse descaracterizado como conhecimento, porém era necessário a intervenção justamente para que a reflexão pudesse ser internalizada a ponto de gerar curiosidades quanto às semelhanças e diferenças dos esportes de raquetes, que também partem de uma visão do coletivo de autores ainda dentro de seus princípios curriculares no trato com o conhecimento, que é o princípio da simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade, esse princípio quebra o padrão de ensinamentos por partes, por séries, e desfaz a ideia de etapismo para aprender sumultaneamente, onde os alunos observam a relação que os conteúdos mantêm entre si para então desenvolverem a compreensão de que são dados da realidade que não podem ser pensados nem explicados isoladamente.

No encerramento dessas duas aulas solicitamos pesquisa quanto às regras básicas do jogo, indicamos o site da confederação de badminton para que eles pudessem elaborar sua pesquisa e trazer para a próxima aula. Relatamos que faríamos uma discussão sobre elas na aula seguinte.

Conforme combinado a maioria já estava com a pesquisa na mão querendo saber como ia ocorrer a atividade, perguntaram se era para entregar, se valia nota. O diálogo com essa turma foi bom, já com o cartaz da quadra exposto no quadro, falamos que tínhamos previsto para aquela terceira aula outra atividade e

que na sequencia seriam as regras, assim perguntamos se podíamos inverter a ordem da aula, eles aceitaram. Questionamos como iniciava-se uma partida, alguns chutavam, outros liam no material de pesquisa, do mesmo modo foi ocorrendo com as regras, a estrutura, exemplificávamos aquilo que eles estavam lendo no material, e assim por diante.

Antes de descermos ao ginásio para a realização da aula que tínhamos deixado para trás, eles perguntavam curiosos se dava para fazer cartaz, maquete, tinham em mente várias possibilidades de trazer materiais para a sexta aula, falamos que tudo bem, o que realmente interessava era a explicação de como fez e porque escolheu fazer de tal forma. Eles tinham que trazer algo que contribuísse para a turma na assimilação daquele conteúdo.

Por fim, as duas últimas aulas do estágio começaram na sala, falamos que seria nosso último dia, que aproveitássemos para ampliar nossos conhecimentos, que eles perguntassem sobre as possíveis curiosidades quanto ao que foi apresentado no estágio.

Em uma das atividades pedimos um relato por escrito sobre as aulas realizadas, uma aluna que não havia participado de nenhuma aula com a modalidade escreveu de forma sucinta o que ouviu dos amigos e do que viu das apresentações dos materiais, aí questionamo-nos: qual seria o tempo necessário para a assimilação e compreensão de algum conteúdo? Pensamos que a escola é o local de uma pluralidade enorme, onde os alunos não são iguais, e que o tempo de um não é o tempo de outro e o que vale é respeitar as diferenças sem aplaudir unicamente aquele que se sobressai em alguns aspectos.

Os alunos apreenderam o sentido pelo qual falávamos com relação as regras do jogo, sempre enfatizávamos que precisavam conhecer a modalidade e as regras, mas que para praticá-las na escola, poderiam entrar em acordo a fim de que pudessem ter sucesso nos movimentos para concretizar o jogo.

Já a turma do segundo ano foi mais trabalhosa em seu trato, estes conversavam muito e pediam sempre aulas “livres”, pois anteriormente ao estágio a professora trabalhava a modalidade de tênis com eles, e negociava alguns dias de aula livre, que no entendimento dela era fundamental para que tivesse a atenção deles quando fosse ensinar algo nos dias que as aulas eram “suas”. A resistência por parte dessa turma foi imensa, pois eles não aceitavam o fato de não ter nenhuma aula livre. Fato que explicamos logo na primeira aula antes de nos

encaminharmos para a sala de vídeo, onde estava reservada para o nosso primeiro contato com a modalidade de badminton.

Após ter assistido os vídeos, fizemos questionamentos com relação ao novo esporte, ao modo como é jogado, quem são as pessoas que praticam, a modalidade lembra o que? Não houve muita argumentação por parte deles, o tempo da aula estava curto em função dos desentendimentos que geraram a conversa inicial relatada anteriormente.

Sempre encontrávamos eles terminando trabalhos da disciplina anterior, o que comprometia alguns minutos da nossa aula. Eles sempre pediam um momento a mais para realizar as pinturas ou outras atividades que tinham que terminar das outras disciplinas, dissemos que não podíamos ajudá-los porque as aulas de Educação Física eram tão importantes quanto às outras. Nesse momento foi necessário lembrar que conforme o Coletivo de Autores (1992) descrevem: “a Educação Física como a disciplina que trata da cultura corporal, numa perspectiva de reflexão desta cultura corporal, a expressão corporal é uma linguagem, um conhecimento universal, patrimônio da humanidade que igualmente precisa ser transmitidos e assimilados pelos alunos na escola, e que sua ausência impede que o homem e a realidade sejam entendidos dentro de uma visão de totalidade.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p. 42)

As aulas com essa turma até então eram só por meio de movimentos e gestos técnicos que eles queriam fazer, não questionavam muito, só trocavam as raquetes e desanimavam pela dificuldade de golpeá-las. Sempre reclamavam que não dava certo.

Em uma das atividades, o jogo de 10 passes, inicialmente proposto não foi aceito e sim modificado para cinco passes, mas eles pediram se já podiam jogar o jogo propriamente dito. Relatamos ser importante que compreendessem algumas particularidades da modalidade, como a posição na quadra, o saque, a falta, enfim a forma como ocorre, precisava do conhecimento, pois nesse caso a teoria antecede a prática.

Nessa prática pela prática a qual eles queriam realizar, visualizamos o caráter competitivo refletido por seus comportamentos, identificamos que para eles o saber fazer é fundamental para um conhecimento superficial que oportunize o jogo. Desse modo percebemos que a única dimensão que o esporte vem oportunizando nesta escola é sua dimensão prática ou ainda competitiva. Não lhes interessa

qualquer conhecimento sobre a mesma. Este conhecimento não lhes é importante, dado que a aula pode ser substituída por trabalhos de outras disciplinas e na Educação Física propriamente dita, o que lhes importa é somente competir, seja a modalidade que for. Assim percebemos que essas práticas têm um fim em si mesmo, não dando continuidade a aula seguinte. A aprendizagem conforme o Coletivo de Autores (1992) nos descreve no princípio do confronto e contraposição dos saberes, que temos que observar os conhecimentos dos alunos para contrapor aquilo que é do senso comum para com os conhecimentos científicos a fim de oportunizar a reflexão dos mesmos, ajudando-os a compreender os esportes em uma visão de provisoriedade, que também é um dos princípios no trato com o conhecimento (Coletivo de Autores, 1992), onde nessa visão eles compreendessem que tudo que aprendem é provisório e não terminal, pois os conhecimentos podem com o passar do tempo ser substituídos por conhecimentos mais aprofundados.

Muitas vezes essa turma apresentou características competitivas, reprodução dos esportes de rendimento, mesmo sem saber devidamente as regras, já operavam por esse modelo perguntamos por que alguém tinha que ganhar. Porém, a concepção crítico-superadora analisa o esporte no contexto escolar e nos oportuniza uma leitura acerca desse conteúdo tão amado pelos alunos, estes autores relatam que: “Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71). Deste modo a reflexão faz com que os professores compreendam o sentido desse fenômeno para aí então nortear suas ações sem se perder em meros ativismos.

Entendemos que a proposta crítico-superadora vem nortear nossa prática pedagógica através do conhecimento produzido historicamente e ampliado pela sociedade da qual fazemos parte, fazendo com que nós, futuros professores, possamos ter para com os alunos respeito oportunizando chances de reflexões fundamentadas a partir do materialismo histórico dialético, que explique o que ainda não conseguem compreender através da mediação entre professor e aluno.

A turma do terceiro ano, por já estar despedindo-se da escola, pareceu não dedicar suas atenções para com a disciplina de Educação Física, estavam sempre preocupados com os afazeres da formatura bem como ocupavam-se de outras questões.

Assim como nas outras turmas, vimos os vídeos à respeito do badminton, nesta turma o esporte badminton já havia sido apresentado, de forma teórica apenas, pois quando fui observá-los tinha um grupo apresentando sobre ele, a professora titular solicitou um trabalho com relação as modalidades olímpicas e deixou a critério deles a escolha, para nossa surpresa a apresentação foi digna de ensino superior, preocuparam-se com os recursos visuais, deixando muito confortável e atrativo para quem estava assistindo, como também surgiu a curiosidade em jogá-lo. Isso nos demonstra que talvez não seja a desmotivação apenas dos alunos formandos que atrapalha sua dedicação. Antes sim, a falta de um conteúdo motivador, que realmente faça sentido aos alunos.

Na primeira aula assistimos aos vídeos sobre a modalidade, fizemos uma conversa rápida com relação ao vídeo dos golpes e aprofundamos no vídeo sobre o badminton na favela. Vários comentários foram feitos a partir de reportagens que foram vistas na televisão. Entendemos que a televisão é um meio propagador se não maior formador de opiniões e comportamentos da atualidade. Portanto, afirmamos que a escola, especificamente as aulas de Educação Física os oportunizaria esse entendimento, não se tratando somente do jogo pelo jogo e sim de outras formas de analisá-lo, de modo que outras novas modalidades como novos conteúdos tematizados pela Educação Física se tornem possíveis na escola.

Com essa turma sempre tínhamos um visitante, que era um professor de Educação Física que ficava andando pelo pátio, orientando suas turmas no jogo de ping-pong ou no voleibol, mas que sempre dava uma passadinha para ver como estavam as nossas aulas, pois ele já havia relatado que acha que essas “teorias da faculdade” não se efetivam na prática.

Mais tarde com a insistência dele, dissemos que qualquer planejamento precisa ser flexível quanto a mudanças e que certamente nem todas as aulas previstas para o ano todo dariam extremamente certo, porém havia um plano que nortearia essa prática para não fazer com que ficasse migrando aleatoriamente de temas. No entanto, nós já havíamos percebido seu forte envolvimento com práticas com objetivos de desenvolver as capacidade e habilidades físicas, o que também compete a Educação Física, mas que precisaria ser trabalhadas nos ciclos de ensino anteriores correspondentes à essas necessidades.

A partir da terceira aula foi muito difícil o ensino do badminton nesta turma. A aula livre era tudo que eles pediam. Evidenciando o caráter recreativo da

disciplina. Se os alunos durante os anos escolares não são apresentados a uma Educação Física, ou ainda ao esporte de uma maneira formativa, é muito difícil que ao final deste período escolar eles mudem de opinião.

Nesse momento pensamos se havíamos feito a escolha certa do tema para atuar no estágio, afinal, na ótica da concepção crítico-superadora faz-se necessário analisar se o conteúdo a ser tratado é relevante para a escola, bem como para estes alunos, deste modo o coletivo de autores (1992), nos esclarece em seus três primeiros princípios curriculares no trato com o conhecimento (princípios esses responsáveis pela seleção dos conteúdos) que são: relevância social do conteúdo; contemporaneidade do conteúdo; adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas dos alunos. Aí deparamo-nos com a angustiante questão: será que estamos forçando um conhecimento que não é da vontade deles?

Relatamos ainda que em uma das aulas em sala uma das assistentes pedagógicas e pede licença para um recado, olha para o quadro para os alunos em silêncio e pergunta: “você estão em uma aula séria agora?” Dissemos que era super importante sim o que estávamos aprendendo, mas que podia dar seu recado. Mas perguntamo-nos: porque só as aulas teóricas têm uma conotação de seriedade? Que construção é essa com relação às práticas oportunizadas pelas aulas de Educação Física? Enfim parece que a escola ainda tem uma visão de Educação Física biologizante, em que os alunos precisam estar correndo, suados para então ser uma aula de Educação Física.

Esse pequeno incidente parece fortalecer a ideia comum que se tem sobre a Educação Física, de que apenas recreamos na escola, ou ainda que estas servem para "mexer o corpo" e nesse caso, o nosso conteúdo, qual seja, o esporte, serve para distrair e apenas para que haja a competição. O esporte como conteúdo formador de conhecimento parece ficar em segundo plano nesta escola.

4.2 CENAS PRINCIPAIS – ESPORTE E CONHECIMENTO- ANÁLISES DAS ENTREVISTAS

Este subcapítulo se limita a descrever as respostas obtidas na aplicação dos questionários com alunos e professores da rede estadual do ensino médio da cidade de Araranguá, bem como fundamentar as respostas a partir de referencial

teórico que qualifique a discussão. Neste questionário foram elaboradas cinco questões abertas para os alunos, e sete questões abertas aos professores de Educação Física do mesmo. Questões essas que tentariam nos aproximar de alguma possibilidade formativa do esporte na escola em questão. Os procedimentos para a aplicação dos mesmos foram: com a turma do primeiro ano, participaram cinco meninos e cinco meninas, que responderam as questões em 15 minutos da aula de Educação Física, o próprio pesquisador aplicou. As turmas do segundo e do terceiro ano foi aplicado o questionário pela professora de Educação Física que destinou os mesmos 15 minutos da sua aula, com o número igual de entrevistados do primeiro ano. Os questionários dos professores foram disponibilizados no início de suas aulas, no dia seguinte o pesquisador retornou para buscá-las.

4.2.1 Cena Principal parte II - Análises das entrevistas com os Alunos

Para dar continuidade ao que vem sendo discutido com relação aos objetivos desse trabalho, analisaremos os questionários que foram aplicados aos alunos do ensino médio, que fizeram parte do estágio.

Na primeira questão foi perguntado sobre qual esporte é mais praticado na escola, e se o mesmo era o da preferência do aluno e se não, era para justificar o porquê. As respostas foram quase unânimes, a maioria respondeu que o futebol (futsal) e o voleibol eram os mais praticados e que esses eram o que mais gostavam o que reafirma as observações realizadas na escola.

Como tivemos a oportunidade de estar presente na escola por um mês na realização do estágio, foi os esportes que observamos acontecendo de fato (jogo em si), nos assegurando ao que o Coletivo de Autores (1992) nos descreve sobre a seleção de conteúdos para as aulas, estes elencam três princípios no trato com o conhecimento, eis que são: relevância social do conteúdo, adequação as possibilidades sócio-cognitivas dos alunos e contemporaneidade, entendo que o futebol (futsal) e o voleibol preenchem quesitos, porém, nos parece não ficar claro que o princípio da contemporaneidade é trabalhado desde suas primeiras práticas.

Os alunos precisam analisar a contextualização e o processo que modificou essas práticas ao longo dos tempos, porém, parece não existir essa reflexão, pois enquanto estão envolvidos com a pontuação do jogo, as práticas

tornam-se meros ativismos, onde o diálogo do conhecimento sobre a modalidade em questão fica em segundo plano ou de fato não existe. Sendo assim, concordamos com Vaz (2010) quando ele descreve que o esporte como fenômeno não se limita à sua prática. Parte do acervo cultural que nos diz respeito, ele deve ser compreendido como fenômeno social complexo e importante.

Houve ainda alguns alunos (minoria) que afirmaram serem essas as atividades que ocorrem nas aulas de Educação Física, mas relataram que não são as de sua preferência, que dentre essas poderiam estar o basquetebol e o handebol. O aluno João descreve: “[...] prefiro handebol onde sou melhor e são todos amigos, participamos de campeonatos”.

Observando a afirmação do aluno “sou melhor”, percebemos que o esporte para ele é só aquele que privilegia enquanto competição esportiva de rendimento, reforçando um caráter bastante distante daquilo que se espera das práticas esportivas na escola, ora, pois, não há como reforçar essas afirmações se o que se espera da educação não são os melhores e nem os piores, mas sim os que buscam dentro de suas capacidades alcançarem objetivos individuais a fim de exercerem um papel humanizador dentro de suas comunidades. Encontramos no escritos de Vaz (2010) a argumentação que contempla o nosso pensamento: “o esporte torna-se um modelo perigoso quando cegamente seguido” VAZ (2010 p. 101). Para o autor, escola deve tratar do esporte em suas múltiplas dimensões, entendendo-o como patrimônio cultural e, portanto direito de todos.

Na segunda questão, foi perguntado o que é esporte e o que o aluno sente quando realiza uma prática esportiva na escola. Houve várias respostas parecidas, eles relacionam o esporte à qualidade de vida, à saúde, ao lazer, e à exercícios físicos, afirmando que esses mantêm a forma do corpo.

A Educação Física na escola pesquisada parece de fato atender ao que o autor abaixo descreve sobre a concepção da saúde renovada. Diante das considerações dos alunos coube-nos identificar que norte está sendo dado aos esportes no meio escolar, e por consequência pensamos que se for unicamente desses objetivos que o professor e a escola se propõem de fato está havendo um conhecimento apropriado para tal planejamento.

[...] os currículos devem enfatizar os objetivos centrais da Educação Física: o desenvolvimento de habilidades motoras e a promoção de atividades físicas relacionadas à saúde. Para atingir esses e outros objetivos na Educação Física, os alunos precisam ser fisicamente ativos, na escola e fora dela. (NAHAS, 2001, p.130)

Entretanto, entendemos que essa Educação Física centrada nos exercícios físicos como propostas de melhoria já foi superada pela área, sendo que sua preocupação escolar hoje destina-se a propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal historicamente produzida pela humanidade, conforme relatado pelo Coletivo de Autores (1992).

Para o aluno Pedro: “esporte é quando você movimenta seu corpo, tem uma descarga de adrenalina muito grande, e é bom quando se faz o esporte que gosta”. Analisando o que foi dito, observamos grande ênfase ao desenvolvimento biológico funcional, ao menos parecem conhecer alguns processos metabólicos que o corpo desenvolve enquanto movimentam-se nos esportes. Isso parece ir de encontro ao que acredita ser a função da Educação Física que será discutido mais tarde nas entrevistas com os professores.

Compreendemos ser importante ter o esporte como elemento auxiliador das emoções, das liberações de neurotransmissores que relaxam e dão sensação de prazer, mas pensamos que atribuir algumas questões conforme outras emoções e outros conhecimentos que se apresentam nessas atividades são fundamentais para compreender o complexo processo de formação do indivíduo numa perspectiva de totalidade, e não somente tentar explicar essas práticas de modo a enaltecer o corpo.

Observamos em alguns questionários respostas totalmente desconexas ao que se foi perguntado, percebemos que a falta de interpretação é enorme, um problema que nos chama atenção pelo “simples” fato de esses alunos estarem concluindo o ensino médio e ainda não apropriarem-se da escrita e de suas formas de interpretá-las. Vejamos esse exemplo:

“esporte é cultura, me cinto bem ao praticar qualquer esporte.” (sic)

Não teve como não analisar esses problemas com a língua portuguesa, e mais... Onde esta a cultura descrita? De fato esse aluno não aprendeu a conjugar verbos, ou sequer conhece a diferença entre verbos e substantivos. Tampouco

pareceu conhecer todos os esportes, pois como conheceria se as atividades das aulas relatadas anteriormente apontam para o futebol e o voleibol? Então como pode ele afirmar que se sente bem praticando qualquer esporte?

Parece não caber a esta pesquisa analisar essas situações que dizem respeito a outras disciplinas, mas é fundamental que essas se articulem a fim de promover uma compreensão de corpo, de escrita, de valores, enfim de todas outras formas de apreensão de conhecimentos que o processo formativo pelo qual estamos pesquisando necessita.

Na terceira questão foi perguntado: o que você aprendeu com essas práticas esportivas? As respostas foram diversificadas, mas a ênfase ao desenvolvimento biológico ainda é fortemente caracterizada. Alguns relacionaram à interação, socialização e respeito para com os colegas. Outros à qualidade de vida chegando a afirmar: “quanto mais esporte mais vida”. Ficamos curiosos em saber qual esporte e sob que aspectos de vida esse aluno (a) empregava tanta empolgação.

Do mesmo modo que a questão anterior, os alunos descrevem seu aprendizado assegurado na qualidade de vida que o esporte é capaz de promover. Observamos mais uma vez que essa resposta condiz com os escritos da concepção de saúde renovada retratada segundo Nahas, 2001, p.130:

[...] é fundamental que compreendam os conceitos básicos relacionados com a saúde e a aptidão física, que sintam prazer na prática de atividades físicas e que desenvolvam um certo grau de habilidade motora, o que lhes dará a percepção de competência e motivação para essa prática.

Vemos a necessidade de refletir com eles a outra face do esporte, e não somente a prática, ou ainda os aspectos positivos de sua prática tratando de implicitar o que de ruim também transita por esse espaço. Percebemos que fica visível o discurso nacional em prol do esporte saudável, e este parece que já impregnou na cabeça dos nossos adolescentes. Um esclarecimento quanto às lesões, aos contratos, à valorização da pessoa humana nesse processo fica onde? Há qualidade de vida nesse âmbito de esporte? É necessário buscar o diálogo desse outro lado da moeda para aí então nossos jovens conhecerem de fato e afirmarem se há mais qualidade de vida presente nos esportes ou não.

Neste momento, analisamos outros princípios curriculares descrito pelo Coletivo de Autores (1992), esses se referem ao confronto de saberes e a simultaneidade do conteúdo. Podemos utilizar desses princípios para firmar nossa intenção pedagógica do seguinte modo: Inculcar nos alunos a forma com que o esporte promove a qualidade de vida, tão bem descrita por eles, causar impacto através de fotos ou vídeos sobre lesões e doping no esporte a fim de alavancar uma reflexão ao que está sendo acreditado cegamente, fazendo uso de situações simultâneas, pois nenhuma ação é isolada, às que dizem respeito às práticas esportivas em especial, tentam reforçar esse modelo, o qual o esporte é visualizado somente como promotor de saúde e jamais visualizado como “destruidor” da mesma. Cabe ao professor mediar essa relação com a realidade concreta do aluno a fim de promover os saberes necessários para a apropriação consciente do conhecimento.

Ainda na terceira questão, um aluno relata:

“eu aprendi que faz bem pro corpo e pra alma e pro cérebro etc...” (sic)

Vemos que essa resposta promove um reflexão acerca daquilo que chamamos de concepção dualista do ser, a divisão de corpo e mente, e nessa resposta ainda aparece o cérebro como terceiro elemento. Acreditamos que o entendimento de ser humano para esse aluno parece estar fragmentado pelas ações que os correspondem, parecendo que os indivíduos são partes e não um todo, sendo necessário o esclarecimento com relação ao ser em construção e não apenas visualizá-lo do ponto de vista funcional, como que se fosse uma questão de sequência lógica: primeiro ando, depois penso, depois isso ou aquilo... E é justamente esse tipo de Educação Física que tentamos superar.

Vale ressaltar mais uma resposta que é descrita por Paulo:

“aprendi a jogar um esporte que eu nunca tinha ouvido falar que se chama badminton”. (Sic)

Aqui vemos que os estágios realizados com essa modalidade conseguiram alcançar alguns objetivos que por vezes no momento em que atuávamos não conseguimos visualizar. O que o aluno nos descreve sobre “nunca ter ouvido falar” já é suficiente para nos deixarmos felizes com a propagação nem que seja pouca de que existiu na escola outro conhecimento além dos que são suas rotinas. Certamente essas variedades de modalidades poderiam quebrar o tabu de alguns esportes enraizados nas nossas escolas.

Na quarta questão perguntamos como é o relacionamento entre os alunos quando as práticas esportivas estão acontecendo nas aulas de Educação Física. De modo geral foram descritos que as relações são boas, e uma aluna relatou:

“é um relacionamento com muita competitividade” (sic)

Analisamos se a competitividade era com relação aos relacionamentos individuais por questões de afetividade, amizade ou se a prática da modalidade em si exclui dessas práticas por ela não apresentar gosto pela competição ou pela competência específica que a modalidade exigia, por fim percebemos que a na rotina diária da escola bem como fora dela, leva os alunos a competir por coisas banais sem mesmo estarem envolvidos com atividades esportivas. Este é o princípio da nossa sociedade capitalista, a competitividade.

Em outro questionário encontramos descrito pela aluna Paula:

“boas! Mas a vontade maior é dos meninos ou de meninas que se interessam pelo futebol praticado no ginásio da escola, e existem campeonatos de futebol é aonde eles são mais incentivados.” (sic)

Conforme observado o que esta aluna escreveu, percebemos que o relacionamento amigável parece existir quando os interesses são comuns, fazendo com que uma modalidade possa unir ou desunir uma turma. No caso do futebol relatado, o sentimento de equipe presente nas competições é ponto fundamental para o bom andamento dos relacionamentos, de forma contrária pareceu gerar exclusão. Ainda aparece o caráter de selecionamentos com relação aos mais aptos nas atividades esportivas o que oportuniza que algumas meninas que provém dessa aptidão sejam “incentivadas” do mesmo modo que os meninos, para esta questão analisamos com Vaz (2010) quando ele relata que “não basta que as meninas joguem futebol, para que o problema do preconceito com a mulher no esporte se resolva”.

O autor desencadeia momentos reflexivos quando descreve que precisamos perguntar, ao tencionar essas questões na prática pedagógica, até que ponto não reproduzimos nas aulas de Educação Física situações machistas encontradas no futebol. “Quantas vezes não afirmamos, tentando fazer um elogio a uma boa aluna ou atleta, que ela ‘joga como um homem!’” (VAZ,2010 p. 105). Vemos aí uma Educação Física dividida por crenças que já deveriam ter sido

superadas com a evolução de vários conhecimentos com relação aos gêneros e atividades masculinas e femininas.

Na quinta questão perguntamos o seguinte: Para você o esporte está relacionado a quais desses fatores: dinheiro, saúde, educação, lazer? Escolha um dos fatores e explique como se desenvolve na nossa sociedade bem como em nossas vidas.

A maioria dos alunos não elencou apenas um fator, e sim três sendo eles: saúde, educação e lazer. Não houve nenhum que relacionou o esporte ao dinheiro, o que pareceu positivo por não atribuírem ao esporte sua fonte de renda mensal, semanal, enfim não caracterizaram-o enquanto meio de mobilidade social, tão comum neste meio.

As respostas com relação à saúde deixam as claras à preocupação com as doenças decorrentes do sedentarismo, próprio dos meios de vida no qual a sociedade se encontra. As atividades diárias são substituídas por material tecnológico, fazendo com que nossos esforços em atividades simples se reduzam cada vez mais. Foi nessa perspectiva de entendimento que os alunos elencaram a saúde como a mais significativa, por meio da realização de uma prática ou atividade esportiva para que a população ainda consiga manter suas condições básicas de vida.

Ana descreve: “lazer, porque você tem que praticar algo que goste.

Lucas relata: “saúde, pois a maioria das pessoas só ingerem comida e não queimam calorias, com o esporte isso é possível.

Diante das respostas, preocupamo-nos em concentrar nossa análise nas possibilidades formativas por meio do esporte, seja ela pelas questões educativas, saudáveis ou de lazer/diversão. O que podemos observar é novamente o discurso que está atrelado a esse elemento, a valorização dos aspectos biológicos, sem desconsiderá-lo é claro, pois é uma possibilidade formativa sim. Quanto aos aspectos de lazer e diversão esses devem gerar prazer em sua realização a fim de que a pessoa dê continuidade ao longo de sua vida para que haja em seus dias uma maior descontração, alegria, socialização.

Cristiano responde essa questão da seguinte forma:

“Educação, ajuda a respeitar todos, ensina que todos somos iguais, contribuindo e muito para a educação”

Assim, analisamos os escritos com relação à educação, esta provém das relações de bem comum, fazendo com que acreditemos que todos somos iguais nos esportes e que tais práticas nos unem e fazem-nos respeitarmos uns aos outros. Não desacreditamos desse último elemento, mas precisamos identificar em quais escolas, em quais turmas e com que objetivos ocorrem essa educação por meio do esporte, pois a maioria das práticas esportivas nas escolas não promove esse conhecimento a fim de considerá-lo como elemento promotor de formação de humanos.

Concordamos com Florentino (2007), quando ele relata que no esporte, assim como na educação, o desenvolvimento dos valores (sociais, morais e éticos) também se faz importante e necessário quando o que está em jogo é a formação humana de nossas crianças ou adolescentes. Numa época de profundas mudanças, em que há um pluralismo de ideias e de culturas, as crianças e os jovens carecem de encontrar na prática esportiva, um modelo de esporte que respeite a sua identidade, suas diferenças e seus limites. Para este autor, o problema observado na prática profissional "é a tendência [errônea] em se reduzir o esporte à competição e ao rendimento" (FLORENTINO, 2007).

4.2.2 Cena Principal parte III - Análises das entrevistas com os Professores

Neste momento apresentaremos as respostas das questões realizadas aos professores de uma escola de ensino médio da cidade de Araranguá, bem como, aprofundar a discussão a partir de algumas respostas embasadas por referencial teórico que nos oportunizaram qualidade àquilo que nos propomos a investigar.

Participaram da pesquisa três professores, sendo duas mulheres e um homem, os quais dividem sua carga horária nos três períodos de funcionamento da escola em questão. O professor efetivo com 40 horas leciona aulas com nove turmas de primeiro ano, sete turmas do segundo ano e cinco turmas do terceiro ano. Uma das professoras também é efetiva, porém com menor carga horária, sendo que leciona aulas com duas turmas de segundo ano e com cinco turmas de terceiro ano.

Por fim, a outra professora é ACT³ e leciona aulas com cinco turmas do primeiro ano, com três turmas de segundo ano e com três turmas do terceiro ano.

Assim o professor que está a mais tempo na escola e possui maior número de turmas, sendo a maioria primeiro, influencia diretamente nas atividades das demais professoras, em especial da professora ACT que entrou esse ano na escola, pois deixou resquícios de sua prática (aulas livres, ou direcionadas a partir da aptidão física) anterior às turmas que estão no segundo e terceiro ano, dificultando algumas situações em que a parte pedagógica da disciplina precisa ser efetivada.

A partir de agora daremos início as discussões sobre as respostas dos professores acima citados.

Na primeira questão foi perguntado se o professor (a) acredita que sua formação acadêmica influencia na escolha dos seus conteúdos, ou se a prática tem influenciado mais. As respostas apontam um como complemento do outro, os professores relatam que suas ações pedagógicas vão de encontro com aquilo que lhes é possível no dia-a-dia, não podendo seguir do modo necessário seus planejamentos em função de situações embaraçosas que ocorrem nos espaços da Educação Física, como podemos observar nos escritos de um dos professores:

Sim, a faculdade influencia muito, porém muitas vezes o pátio (Sala de Aula da Educação Física) se transforma em um verdadeiro depósito de alunos. Muitas vezes trabalhamos com a interferência de outras turmas. E isso acaba limitando o trabalho da Educação Física. (Sic)

Percebemos aqui o desabafo de um professor que vê sua ação pedagógica sufocada pela (des) organização da escola. Vemos que a Educação Física para este ambiente parece não estabelecer um diálogo com as necessidades que a escola privilegia. Observamos que o professor está cada vez mais limitado pelas intempéries do processo educativo. Concordando com o relato acima, Canestraro (2008), descreve que o professor de Educação Física acaba enfrentando muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos

³ Professor admitido em caráter temporário.

principalmente em escolas públicas, dificuldades essas, que muitas vezes acabam desmotivando esse profissional, talvez por isso as aulas livres e o esporte apenas na prática seja realizado.

Diante disso, analisamos a importância e a necessidade de um projeto político pedagógico estar efetivamente atrelado aos interesses de todas as disciplinas e ações da escola, pois é por meio deste documento (ao menos deveria ser) que são estabelecidos os rumos diários para a resolução da situação-problema.

Sabemos também que o professor não deverá deixar esses acontecimentos serem rotineiros, ele precisa posicionar-se para conseguir efetivar seu trabalho, precisa reconhecer-se como professor pesquisador, intelectual capaz de formar cidadãos que possam exercer um papel ativo na sociedade construindo sua própria autonomia se aproveitando das discussões e decisões geradas na própria escola.

Para dar sustentação ao que está sendo dito, apoiamo-nos em Rodrigues (1998) quando ela relata que o professor é um intelectual, portanto, deve assumir suas responsabilidades pedagógicas e políticas, onde sua atuação deve ser de intelectual crítico, autônomo e criativo, que se preocupa em tornar o conhecimento de que trata a Educação Física (cultura corporal) mais significativo e emancipador. Oportunizando assim o conhecimento necessário para cada turma respeitando seus respectivos horários de aula com para com essa disciplina.

Na segunda questão foi perguntado: Quais são os esportes trabalhados em suas atividades docentes? Como ocorre a escolha e por quem é feito? Um dos professores respondeu que a seleção de conteúdos é feito por si próprio, outro respondeu que a realização ocorre por ambas as partes, ou seja, pelo professor e pelos alunos, o terceiro professor relatou que tenta seguir o que a proposta curricular do estado de Santa Catarina determina quanto aos conteúdos. Os esportes mais citados foram: vôlei, futebol, futsal, tênis de mesa, pois são do gosto dos alunos.

Observamos que as respostas seguem caminhos diferentes, vemos que apenas um deles procura seguir a proposta curricular do estado (pelo menos no discurso), pois esta é descrita no projeto político pedagógico da escola. Do ponto de vista do coletivo de autores (1992) com relação a seleção dos conteúdos, estes indicam três princípios no trato com o conhecimento que são: relevância social do conteúdo, contemporaneidade do conteúdo e adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas dos alunos.

Deste modo, observamos que mesmo em diferentes organizações, os professores parecem atender a esses princípios, a fim de tornar possível a realização de suas aulas, pois não há nada mais frustrante que preparar uma aula totalmente desarticulada aos interesses dos alunos. O que não conseguimos constatar foi à efetivação do relato do professor com relação aos interesses da proposta curricular do estado, pois ela é fundamentada na concepção histórico - crítica de Vigotsky, e nos leva a compreensão de que temos que tornar nossos jovens alunos críticos, participativos, conscientes e politizados.

Ficamos nos perguntando se as práticas que assistimos no decorrer dos estágios nesta escola oportunizam a apropriação do conhecimento somente pela “prática da prática” do jogo de voleibol, futebol e tênis de mesa conforme descrito pelos professores. Percebemos que somente o saber jogar a modalidade não leva a compreensão de outros conhecimentos necessários para a formação destes alunos, em especial se tratando do ensino médio, que de acordo com o Coletivo de Autores (1992) já pertence ao quarto ciclo de escolarização e que este é o momento do aprofundamento da sistematização do conhecimento da técnica bem como de outras reflexões que levem-o a compreender e explicar a realidade social a fim de participarem ativamente dela.

Na terceira questão foi feita a seguinte pergunta: De que forma você utiliza os esportes nas suas aulas? No PPP da escola há descrições sobre como aplicar esse conteúdo? Todos responderam que no PPP só há o objetivo geral, porém não descreveram nada sobre. Um dos professores relatou trabalhar o histórico, fundamentos, regras e sistemas. Outro relatou trabalhar com objetivo de desenvolver as habilidades nos movimentos básicos dos esportes discutindo a diferença entre esporte de rendimento para o esporte escolar e aquele praticado por lazer.

Bracht (2005) expõe não diferenciar de forma específica o esporte educacional, pois sua forma de realização é cópia (modelo) do alto rendimento. Do mesmo modo o autor relata que o esporte enquanto atividade de lazer também é balizado pelas ações do esporte de rendimento, este por sua vez, caracterizado pela sua comercialização no qual o resultado de suas ações sempre leva a fins lucrativos com visões político-econômicas.

Esta forma de esporte de lazer (espetáculo) é o que consumimos cada vez que estamos diante da televisão, mesmo sem querer acabamos sendo

influenciados por modelos, marcas e outras coisas mais que o mercado esportivo oferece e não nos damos conta de que o esporte de lazer tão enaltecido não deixa de ser a máscara do consumismo provenientes da sociedade capitalista, e ainda achamos que fazemos parte desse mundo do esporte de lazer. Desta forma, precisamos abordar com nossos alunos qual entendimento real temos a respeito da prática esportiva que realizamos, para isto, nos asseguramos em outro princípio curricular descrito pelo coletivo de autores (1992), o princípio do confronto de saberes, este o grande mediador entre o saber do aluno (senso comum) com o saber científico construído a partir do diálogo com o professor.

A professora Neusa descreveu a resposta deste modo:

Através de circuito. Utilizando os quatro cantos da quadra. Só tem no PPP⁴ da escola o objetivo geral. (Sic)

Aí nos coube analisar a influência da formação profissional dessa professora, pois percebemos que a forma de abordar este conteúdo ainda se dá por meio de circuitos, práticas essas que bem sabemos que são provenientes de movimentos característicos com finalidade de promover a repetição bem como o acerto no desenvolvimento da atividade, reforçando um caráter técnico-instrumentalizado, com justificativas no desenvolvimento biológico, tais como: coordenação motora, força, resistência, agilidade...

Para tanto, concordamos com Rodrigues (1998) em não considerar a atividade profissional (prática) do professor, como uma atividade exclusivamente técnica. É mais correto encará-la como atividade reflexiva e crítica, na qual algumas aplicações concretas de caráter técnico podem ser necessárias.

Para a quarta questão perguntamos: qual você acha que seja a contribuição do esporte nas aulas de Educação Física para a formação dos alunos? Dois professores atribuem o caráter social do esporte como promotor de cidadãos honestos, justos e responsáveis, o outro relata que contribui na formação motora física, na qualidade de vida, na socialização.

Analisemos a seguinte resposta de Marcos:

⁴ Projeto político pedagógico, documento no qual a escola descreve coletivamente as ações rotineiras e o norte que a escola elencou para atingir seus objetivos educacionais.

O esporte por si só não contribui para formar ninguém para ser um bom cidadão, mas bem trabalhado é uma ferramenta essencial na formação de cidadãos conscientes e justos. (Sic)

Observamos que por um momento o professor contradiz-se na sua fala. Tentamos analisar de que forma seria esse “bem trabalhado”, se seria em aspectos técnicos com o conhecimento globalizado do mesmo, ou acerca das reflexões extraídas das práticas que a área da Educação Física vem pesquisando nesses últimos anos. Perguntamos-nos por que o esporte tem uma vinculação tão forte com a justiça, a consciência e o respeito, no entanto, passamos a interpretá-la como forma de controle social, pois as regras impostas nesse sistema fazem clara a opção pela obediência, caso contrário haverá punições e consequências, deste modo essas práticas parecem fazer com que os praticantes tenham um comportamento previsível de modo a manter o comportamento desejado.

Sendo assim, concordamos com o que Florentino (2007) expõe, o trato com o corpo do ser humano ao longo da história ocidental, alicerçado na ciência moderna pelo mecânico, foi sendo construído a partir da idéia de homem-máquina, aquele que poderia ser manipulado, adestrado, disciplinado, em última análise, para o aparecimento de um corpo dócil, cumpridor de ordens, visando à manutenção do já estabelecido e da permanência do poder e dos poderosos. O que atenderia àquilo que o Coletivo de Autores (1992) nos apresenta: a dominância a todo custo por parte da classe proprietária, “classe esta que não pretende transformar a sociedade brasileira, pois sua luta é pela manutenção do *status quo*”. Esta classe desenvolve determinadas formas de consciência social (ideologia), que veicula seus interesses, seus valores, sua ética e sua moral como universais, inerentes a qualquer indivíduo, independentemente da sua origem ou posição de classe social. Ela detém a direção da sociedade: a direção política, intelectual e moral. (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p. 13-14)

Na quinta questão perguntamos: O que significa o esporte para a comunidade escolar em que sua escola está inserida? Dois professores dizem que a comunidade escolar gosta das práticas e diz ser um meio bom de educação. A professora Clara que é nova na escola, e tem uma visão do ensino dos esportes de forma sistematizada, relata que a maioria da comunidade escolar vê o esporte desta forma:

É somente “jogar” o futebol e o vôlei. (Sic)

Supõe-se que a comunidade escolar goza daquilo que é característico no país, como bem sabemos o futebol e o voleibol são as atrações que nos envolvem pelo simples fato de assisti-las, o que gera imensa vontade de praticá-las pelo prazer e pela eficiência com que os atletas demonstram, assim queremos de algum modo aproximar-nos daquilo que visualizamos. Prestigiamos essas práticas e atribuímos a ela nossa nacionalidade principalmente em tempos de competições. Este pode ser o motivo de a comunidade escolar pesquisada pensar que os esportes resumem-se a essas duas modalidades, pois somos guiados por uma prática social fortemente enraizada.

Na sexta questão foi perguntado se a escola possui atividades extras com relação aos esportes. Dois professores afirmaram que não. Outro respondeu a questão da seguinte forma:

Só aquelas em que eu ou outro professor de Ed. Física faz serviço voluntário para “treinar” as equipes que participam do JESC ou outras competições. A Fesporte, Secretaria de Educação SC faz os jogos mas não “pagam os professores”, o Cref não deixa entrar na quadra para ser treinador mas quando alguém se machuca, aí como “médico pode entrar”. Esse é o esporte no BRASIL. (Sic)

Analisando o exposto, ficamos imaginando o que seriam dessas instituições que visam somente o lucro no esporte se não fosse a ação e o esforço do professor de Educação Física, percebemos a indignação do professor ao relatar o trabalho voluntário que precisa realizar para atender aos desejos de seus alunos que são contagiados pelas propagandas de esporte educacional e esporte para todos, propostas essas do governo juntamente com as instituições esportivas a fim de enaltecerem seus discursos na realização de eventos que promovem socialização, interação e educação. Para qualificar o exposto acima, trazemos um relato de Freitas (2009, p.163)

O lucro é a “embriaguez” dos ricos. A ilusão da esperança é a “embriaguez” dos pobres, dos oprimidos e excuídos. E a alienação é a “embriaguez” da indústria cultural do material esportivo. O ato de “embriagar” as novas gerações de filhos e filhas da classe operária é imprescindível ao impedimento da transformação dos indivíduos e da sociedade.

Observamos ainda que essas organizações esquecem de valorizar o grande construtor dessa área de conhecimento atribuindo a ele a função de mero prestador de socorro quando ocorre um acidente nas competições. Precisamos

urgentemente mudar essa realidade, com isto fazemos uso das palavras do Coletivo de Autores (1992), “Se aceitarmos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 28).

O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir uma organização curricular em outros moldes, de forma a desenvolver uma outra lógica sobre a realidade, a lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer uma outra leitura. Nesta forma de organização curricular se questiona o objeto de cada disciplina ou matéria curricular e coloca-se em destaque a função social de cada uma delas no currículo. Busca situar a sua contribuição particular para a realidade social e natural no nível do pensamento/reflexão do aluno. Isso porque o conhecimento matemático, geográfico, artístico, histórico, lingüístico, biológico ou corporal expressa uma determinada dimensão da “realidade” e não a sua totalidade.

É preciso fazer com que a maioria, se não todos os professores, posicionem-se contra esse sistema para que ocorra a transformação dessa prática de “valores” o quanto antes, que os professores assumam o poder político que possuem com seus alunos para que esta realidade venha a ser modificada a fim de proporcionar a real educação pela socialização e a interação que podem sim ser adquiridas pelas práticas esportivas, quando trabalhadas de modo a constatar, interpretar, julgar e direcionar suas ações em prol do coletivo.

A sétima questão foi elaborada da seguinte forma: De que maneira e com que objetivos podemos preparar nossos adolescentes para um futuro próximo com relação à realização dos grandes eventos esportivos em nosso país? Qual a contribuição da Educação Física para estes eventos?

As respostas apontam para um planejamento de aulas que privilegie outras modalidades e não somente as ditas “hegemônicas”. Relatam que a Educação Física pode contribuir de diversas formas, tais como: organização, arbitragem e divulgações. Atemos-nos a umas das respostas que assim foi descrita por Marcos:

“Com esse incentivo que recebemos e como somos tratados seremos apenas um mero incentivador que torce para dar certo. Não temos muito o que fazer. Embora temos vontade para contribuir” (Sic).

Reforçando o que já foi dito anteriormente o professor se vê limitado, está desacreditado até de si mesmo, mas não deixa de torcer pelo melhor. As políticas públicas em educação do nosso país precisam fornecer o alicerce necessário aos professores, para que ao menos eles tentem atender as necessidades da educação, pois “é através dela que a sociedade sobrevive transmitindo suas culturas dando oportunidade aos jovens de pensar e opinar na sociedade” (CANESTRARO et al, 2008, p. 12328). E é por este caminho que a Educação Física vem firmando seus passos na formação de crianças e adolescentes, não com caráter técnico para a formação do talento esportivo conforme se deseja pelas propostas nacionais, mas sim para a formação do ser consciente e emancipado em prol da autonomia e da cidadania, podendo contribuir de maneira significativa para os grandes eventos, bem como para as próximas décadas, pois o universo de pesquisa da Educação Física é o movimento humano, e este só acabará se a humanidade for extinta.

De acordo com Aranha (apud SILVA, 2010) nossa tarefa é repensar os rumos da escola sem otimismo ingênuo, mas também sem pessimismo derrotista. O que, afinal, é possível fazer dentro dos limites da escola e a partir de suas reais possibilidades? Reforçar a importância da dupla função da escola: a de transmissora da herança cultural e a de local privilegiado para a crítica do saber apropriado.

Se essa instituição torna-se indispensável como instância mediadora, estabelecendo o vínculo entre as novas gerações e a cultura acumulada, à medida que a sociedade contemporânea se torna mais complexa a escola adquire, cada vez mais, um papel insubstituível” (ARANHA apud SILVA 2010).

5 CONSIDERAÇÕES OU CENAS FINAIS?

Um tanto quanto distante de ser um filme baseado em protagonista, atores e cenas principais fictícias, esta pesquisa é fruto de fatos da vida real, e a sua estruturação poética, tentou aproximar o leitor dos dados contidos na realidade de forma mais suave do que ela se apresenta, sem desconsiderá-la é claro, pois foi a partir dela que identificamos alguns objetivos da pesquisa, no que diz respeito à formação do ser humano.

Sabemos que o esporte movimenta massas no mundo inteiro por seu caráter de “integração”. O dia-a-dia do brasileiro em especial, é carregado por noticiários sobre esse fenômeno enquanto agente da formação de cidadãos comprometidos, responsáveis, e educados a partir dessas práticas, não obstante, vemos um “ídolo” do passado tentando resgatar esses valores que parecem ter se disseminando na própria história, pois o que também visualizamos, mesmo que de modo implícito, são as contradições desse elemento. Portanto necessário se faz confrontar o “dito” com o “feito”.

Deste modo concordamos com o Coletivo de Autores que nos descreve:

“Se aceitamos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

Assim, o problema desta pesquisa foi em relação aos meios escolares, questionando qual conhecimento está sendo oportunizado nas aulas de Educação Física a partir do conteúdo esportes.

Com relação ao citado acima, e conseqüentemente, por termos identificado a partir das análises do estágio IV, percebemos a necessidade de estabelecermos vínculos com os alunos sobre os processos que envolvem os esportes. Nossa análise identificou que, principalmente as turmas do segundo e terceiro ano, não conseguem associar esse conteúdo a outras questões que não sejam a sua prática. Acreditamos que isso pode ter ocorrido desde as primeiras aproximações com a disciplina, e também pelo conteúdo esporte, por sua “fragilidade pedagógica”, pois apenas sua efetivação competitiva parece ter se cristalizado neste ciclo final, a ponto de que eles queiram só divertir-se ou “mexer o

corpo”. A ação de um dos professores da escola pesquisada reforça esse modelo que foi firmada como realidade concreta - as aulas “livres”. Portanto, a ação pedagógica deste professor está um tanto quanto distante da perspectiva de aulas com conteúdos e conhecimentos necessários à formação integral do aluno, pois quando as têm, unicamente visam à manutenção da saúde, por meio de atividades de aquecimentos e alongamentos, seguidas de jogos com fim em si mesmo. Assim, a partir da análise da escola em geral, identificamos que essas práticas de aulas livres, que anteriormente ocorriam conforme relatado no texto pela administradora escolar, fez com que os alunos tenham esse entendimento, ou seja, compreendem a Educação Física como momento do “descanso do intelectual”.

Entendemos que a escola é o local em que ocorre a transmissão de grande parte da produção do conhecimento produzido historicamente. Deste modo observamos, ainda a partir dos estágios, que os conteúdos da disciplina de Educação Física, ou seja, o “esporte” se apresenta na escola por uma única manifestação – a prática, sem, sobretudo proporcionar qualquer leitura acerca dos dados da realidade a fim de analisá-los, interpretá-los e compreendê-los nas suas diversas manifestações, ou seja, desde aspectos biológicos a aspectos político-econômicos que os envolvem.

Observada a possibilidade formativa por meio do esporte, analisamos a partir dos questionários, tanto dos professores quanto dos alunos, que a maioria atribui um significado extremamente importante quanto à promoção da qualidade de vida e saúde, o que por hora pode ser considerado conhecimento válido, pois é uma possibilidade formativa com intuito de conscientizar os indivíduos a higiene do corpo, bem como, prevenção às doenças, o que por um lado compreendemos que a área já avançou nesses aspectos.

Porém, percebemos a afirmação do exposto acima neste recorte da entrevista com os alunos: “quanto mais esporte mais vida”, questionamo-nos se estes conhecem o sentido amplo do termo “qualidade de vida”. Coube-nos descrever sobre um princípio da reflexão pedagógica descrita pelo Coletivo de Autores (1992): o princípio do confronto dos saberes, aquele que será capaz de promover um diálogo com a realidade dos alunos a partir de seus conhecimentos de senso comum, confrontado com o saber científico, oportunizado pelo professor, que é o mediador desse processo. Desse modo teremos a real aproximação de que se o

esporte atual contempla a saúde, a liberdade, a educação e o lazer, conforme ouvimos em discursos ideologizados.

No que diz respeito à questão acima, encontramos sustentação em Oliveira (2009), onde ele relata que, quando se fala em esporte, não se pode deixar de enxergá-lo, em sua dimensão pedagógica e, como a educação é um bem cultural, a prática esportiva é muito mais que simples deslocamentos pelo espaço. Ele é produção de cultura em seu sentido amplo, e é processo de produção de consciência saudável.

Como também, concordamos com Freitas (2009), onde ele relata que uma política pública de esportes, deve e pode coadjuvar o processo de organização dos movimentos populares por intermédio de atividades que estimulem a antítese da competição e do individualismo. O coletivismo e a cooperação, as atividades contra-ideológicas, defendida também pelo Coletivo de Autores (1992), devem ser a tônica dessa política onde o “ser” se insurge contra o “ter” e a vida terá um novo significado.

Analisado o esporte de acordo com o planejamento da escola e dos professores, obtidas através das entrevistas com os mesmos, como também pela análise dos estágios, eles responderam que organizam suas atividades esportivas de modo individual, ou seja, cada um organiza o seu planejamento. Eles relataram que no documento da escola só consta o objetivo geral da disciplina. Também relatam que tentam seguir a proposta curricular do Estado de Santa Catarina, descrita nos documentos escolares. Porém, para um deles a organização é por histórico, fundamentos e regras, enquanto o outro, trabalha por meio de atividades que desenvolvam a habilidade, fazendo com que os alunos percebam as diferenças entre esporte de rendimento e de lazer, e para o outro professor, as atividades são organizadas na forma de circuitos. Percebemos então, que há uma divergência quanto a afirmação da disciplina nesta escola, como também os professores se diferem no entendimento da mesma. Visualizamos que os interesses políticos contidos nesta escola não beneficiam, nem valorizam a Educação Física, portanto, é necessário que o sistema educacional contemple-a como qualquer outra que pertencente a seu currículo, pois a mesma ainda se encontra abaixo dos interesses da escola, parecendo não apresentar algum elemento que contribua na formação (ou preparação) de seus alunos para a vida lá fora, ou seja, ao mercado de trabalho como eles almejam.

A prática do esporte nas aulas de Educação Física, antecede a um planejamento tanto da escola quanto dos professores dessa disciplina, porém, não de modo a constar somente no papel e sim em suas atividades diárias, assim oportunizando reflexões acerca desse potente elemento. Portanto, concordamos com Oliveira (2009), no que toca a Educação e, a Educação Física, quando ele descreve que “temos a tarefa de esclarecer e promover ações que elevem o patamar de consciência de nossos alunos, no caso da sala/quadra de aula. Necessário se faz mostrar que é possível ser diferente, apontando caminhos diferentes” (OLIVEIRA, 2009, p. 128).

Observamos por uma ótica de ensino crítico-superadora que, “a luta de classes esta presente em todos os espaços, o que torna a ação do professor da mais alta responsabilidade. Daí a importância da relação prática/teoria/prática, de modo a desenvolvermos objetivamente uma práxis pedagógica (OLIVEIRA, 2009, p. 127). Entendemos que o esporte visto no conjunto de bens produzidos socialmente, ainda está longe de atender as demandas do coletivo, pois apenas parte de sua dimensão é problematizada.

Sendo assim, podemos relatar os escritos de Azevedo (2009) quando este nos aponta para um olhar a partir de uma perspectiva contra-hegemônica, assumida por pessoas comprometidas com a função social que exercem, assim sendo possível esboçar um teórico que contribua por meio da prática esportiva para a busca da autonomia e emancipação do indivíduo como um ser social, e por isso coletivo. Do mesmo modo, a concepção crítico-superadora nos mostrou que a possibilidade formativa por meio do esporte pode vir a calhar a favor da classe operária se refletirmos de modo a contribuirmos tanto no papel de alunos como de professores a fim de trabalharmos para mudar a realidade dominante no poder.

Para reforçar tal entendimento, nos referenciamos no Coletivo de Autores (1992, p. 40):

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação, dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo o individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com a apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos – a emancipação- negando a dominação e a submissão do homem pelo homem.

Para concluir tal entendimento, citamos Oliveira (2009, p. 128): “Reitero que, se superado o capitalismo, o esporte pode ocupar um lugar de destaque social, a começar pelo fato de que as oportunidades serão iguais. Todos terão oportunidade de praticá-lo, sem interesses comerciais e/ou assistencialistas”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wanderson Ferreira. Sobre a Formação Profissional dos Professores de Educação Física e as Teorias Docentes do Saber. In: **Pensar a Prática**, 9/2: 313-330, jul./dez, 2006.

AZEVEDO, Ângela Celeste Barreto. Esporte, Ensino, e Educação Física. In: **Esporte Fator de Integração e Inclusão Social?** André Malina e Sebastiana Cesario. Campo Grande, MS. Editora UFMS, 2009, p. 71- 83

BARNI, Mara Juttel e SCHNEIDER, Ernani José. **A Educação Física no Ensino Médio: relevante ou irrelevante?** Instituto Catarinense de pós graduação. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>, acessado em 15/05/12

BASSANI, Jaison José, TORRI, Danielle e VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. Revista movimento, Porto alegre, v 09.n2,p. 89-112, maio/agosto de 2003

BRACHT, Valter. Esporte, história e cultura. In: **Esporte: história e sociedade.** Marcelo Weishaupt e Lucena, Ricardo de Figueiredo. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. Cap. 8, p.191-205.

_____. **Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz.** Ijuí: Editora Unijuí, 2003, 2ª ed.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução.** Ijuí : Editora Unijuí, 2005, 3ª ed.

CANESTRARO, Juliana de Félix; ZULAI, Luiz Cláudio; KOGUT, Maria Cristina. Principais dificuldades que o professor de educação física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental e sua influência no trabalho escolar. (http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/872_401.pdf acessado em 15/11/12)

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992

CUNHA, Fernando José de Paula et al. Cultura corporal e jogos esportivos: uma experiência com alunos de escolas públicas de João pessoa. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/181.pdf> acessado em 28/05/12

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FLORENTINO, José. O humanizar pelo esporte: a necessidade de uma pedagogia de esporte mais complexa. Revista digital- Buenos Aires- año 12- nº 115-Diciembre de 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd115/o-humanizar-pelo-esporte.htm>, acessado em 13/11/12

FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. Esporte em Democracia: a gênese do Político. In: **Esporte Fator de Integração e Inclusão Social?** André Malina e Sebastiana Cesario. Campo Grande, Ms. Editora UFMS, 2009, p. 149- 164

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Editora: Unijuí, 2006, 7^aed.

MALINA, André. O Esporte como um bem da Humanidade e o Modo de Produção Capitalista. In: **Esporte Fator de Integração e Inclusão Social?** André Malina e Sebastiana Cesario, Campo Grande, Ms. Editora UFMS, 2009, p. 17- 31

OLIVEIRA, Vítor Marinho de. O Esporte Pode Tudo. In: **Esporte Fator de Integração e Inclusão Social?** André Malina e Sebastiana Cesario, Campo Grande, MS. Editora UFMS, 2009, p. 121- 128

NAHAS, M. V.. Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida. 5. ed. Londrina, PR: MIDIOGRAF, 2010. v. 1. 318p.

RODRIGUES, Aneleyce Teodoro. A questão da formação de professores de Educação Física e a concepção de professor enquanto intelectual-reflexivo-transformador. In: **Revista Pensar a Prática**, 1998 vol. 01 Belo Horizonte, Minas Gerais

RODRIGUES, William Costa. Metodologia Científica. FAETEC/IST - Paracambi 2007. Disponível em http://professor.ucq.br/siteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf. Acessado em 15/05/2012

SILVA, Jonas Henrique Almeida da. Os grandes eventos esportivos e a Educação Física escolar: para além do senso comum. Revista Digital-Buenos Aires- Año 14- Nº 142- Marzo de 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd142/os-grandes-eventos-esportivos-e-a-educacao-fisica-escolar.htm> acessado em 15/11/12

TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr 2000.

VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola” :da negação radical para uma relação de tensão permanente. Movimento ano III, nº5, 1996. Disponível em seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2228/936, acessado em 24/04/12

VAZ, Alexandre Fernandez. **Jogos e Esportes**: desafios para a Educação Física Escolar. Cadernos de formação RBCE, p. 96-106, mar.2010

VIRTUOSO JUNIOR, Jair Sindra et al. Educação Física e Esporte no Brasil: Perspectivas de Formação e Intervenção Profissional. Revista da Educação Física/UEM Maringá, v. 14, n. 1, p. 17-30, 1. sem. 2003 disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3477/2500> acessado em 15/11/12

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Termo de Consentimento



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

TEMA: O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora

OBJETIVO: Analisar o esporte como possibilidade formativa a partir da metodologia Crítico-Superadora

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: “O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora” deseja investigar o esporte como possibilidade formativa a partir da metodologia Crítico-Superadora

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

1. Será realizada a aplicação de questionários com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com a professora coordenadora da pesquisa professora Danielle Torri endereço eletrônico danitorri@unesc.net ou com a orientanda Hélia de Fátima Pereira Dias pelo endereço eletrônico fatima_dias06@hotmail.com
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Profª. Danielle Torri
Coordenadora da pesquisa

Orientanda: Hélia de Fátima Pereira Dias
Responsáveis pelo desenvolvimento da pesquisa

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo “O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora” e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado (a) _____

APÊNDICE B - Questionário com os Alunos

Acadêmica: Hélia de Fátima Pereira Dias

Orientadora: Danielle Torri

Tema: O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora

Questionário para os alunos

Sexo: Masculino () Feminino ()

Data __/__/__

1- Qual o esporte é mais praticado na escola? E este é o que você mais gosta? Se não, identifique sua preferência explicando por que.

2- O que é esporte? E o que você sente quando faz uma prática esportiva na escola?

3- O que você aprendeu com essas práticas esportivas?

4- Como é o relacionamento entre os alunos quando as práticas esportivas estão acontecendo nas aulas de Educação Física?

5- Para você o esporte está relacionado a quais desses fatores: Dinheiro, saúde, educação, lazer? Escolha um dos fatores e explique como se desenvolve na nossa sociedade bem como na nossa vida.

APÊNDICE C - Questionário com os Professores

Acadêmica: Hélia de Fátima Pereira Dias

Orientadora: Danielle Torri

Tema: O Esporte como Elemento Educacional sobre a Ótica da Concepção Crítico-Superadora

Questionário para os professores

Sexo: Masculino () Feminino ()

Data __/__/__

1- Você acredita que sua formação acadêmica influencia na escolha dos seus conteúdos? Ou a prática tem influenciado mais?

2- Quais são os esportes trabalhados em suas atividades docentes? Como ocorre a escolha e por quem é feito?

3- De que forma você utiliza os esportes nas aulas sua aulas? No PPP da escola há descrições sobre como aplicar este conteúdo?

4- Qual você acha que seja a contribuição do esporte nas aulas de Educação Física para a formação dos alunos?

5- O que significa o esporte para a comunidade escolar em que sua escola está inserida?

6- A escola possui atividades extras com relação aos esportes?

7- De que maneira e com que objetivos podemos preparar nossos adolescentes para um futuro próximo com relação à realização dos grandes eventos esportivos no nosso país? Qual a contribuição da Educação Física para estes eventos?